SEX14JUL
Sexta-feira
14 de Julho de 2017
Edição n.º 1 • Ano 1

Coordenação:
DOMINGOS DOS SANTOS
MANUELA GOMES

Jornal de Angola

Cuanza-Norte

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

O renascer das terras da Rosa de Porcelana

TILÁPIA

Mucoso produz toneladas de cacusso
AQUICULTURA • 7

BOM APETITE

O funje e acompanhantes à mesa das famílias e restaurantes

GASTRONOMIA • 24

PESCA ARTESANAL

Berço da maior lagoa do Norte de Angola
NGOLOME • 8

CRIAÇÃO DE GADO

A luta pela povoação bovina
PLANALTO DE CAMABATELA • 14

FACTOS HISTÓRICOS

Um povoado que foi a capital provisória da Província Ultramarina

MASSANGANO • 18 E 19

GESTÃO PARTICIPATIVA

Governação aberta e inclusiva
GOVERNADOR• 16 E 17

Nesta edição

3 Mais alunos no sistema de ensino
Sete mil crianças inscritas no presente ano lectivo

5 Acesso fácil aos serviços de saúde
Centros e Postos de Saúde perto da população

6 Dieta alimentar de crianças e idosos
Produção de algas espirulinas no Ngolome

7 Produção de tilápia
Mucoso produz muitas toneladas de pescado por ano

8 Maior lagoa do Norte de Angola
Mais de 1.500 pessoas na pesca artesanal

9 Fábrica de tecidos
Aposta na redução da importação

10 Fartura na Mandioca
Sucesso na área cultivada do tubérculo

12 Incentivos para o café
Dois milhões de mudas do bago vermelho por ano

14 Planalto de Camabatela
A expansão da povoação bovina

15 Fomennto do turismo
Plano estratégico para o relançamento

16 José Maria dos Santos
Uma governação aberta e inclusiva

18 Factos Históricos
Massangano já foi capital de Angola

21 Crescimento anárquico
Novos bairros nas montanhas de Ndalatando

22 Pequenos ofícios
O valor e a persistência das antigas profissões

24 Comer bem
O funje e acompanhantes muito apreciados

25 Bebidas caseiras
O efeito do "Bananal" e "Empurra"

27 Real Ginga
O novo clube da Província do Cuanza-Norte

28 Talentos para o futebol
Falta de recintos na descoberta de valores

Editorial

O Censo realizado em 2014 revelou a existência de 489 mil habitantes no Cuanza-Norte

Determinação é o caminho seguro para o futuro

O censo realizado há três anos, o primeiro desde a Independência, deu à luz a existência de 489 mil homens e mulheres a habitarem nos dez municípios que compõem o território do Cuanza-Norte, antigo bastião de Nginga Mbandi e de outros soberanos dos então reinos do Ndongo e da Matamba.

Foi em Massangano, território de Cambambe, que se instalou, no século XVII, o refúgio da primeira colónia portuguesa, fugida de Luanda, quando esta cidade foi ocupada pelos holandeses. Ergueu-se aqui o túmulo do capitão Paulo Dias de Novais, o primeiro edificio de um tribunal em Angola e outros de interesse da administração da primeira fase da colonização portuguesa no país.

Os rios Kwanza, Lucala, Zenza e Dangi criam aqui e ali lagos e lagoas que propiciam a pesca, o turismo e o transporte fluvial. É em Ambaca que se estende o maior planalto, com todas as condições vegetais e climáticas para a criação de gado bovino, sendo por isso o centro da organização do Planalto da Camabatela, que acolhe também fazendas, principalmente pecuárias, existentes nas províncias de Malanje e do Uíge.

No Cuanza-Norte foi construída, e agora ampliada, a Barragem de Cambambe e, mais recentemente, lançada a base para a construção da Barragem de Caculo Cabaça, no médio Kwanza, que vai aumentar a produção de energia limpa e fomentar o desenvolvimento industrial, não somente desta Província, mas de todo o território nacional.

Com este e outro potencial abençoado pela valentia dos seus ancestrais, os cuanza-nortenhos viraram-se para as tarefas de reconstrução e criam as condições necessárias para o desenvolvimento.

Inegavelmente se reconhece o trabalho bom que se faz na construção de infra-estruturas para o atendimento das preocupações sociais e económicas das popualções. Perfila-se, nesta empreitada, começada em 2002, quando se venceu a guerra, a construção de escolas para a formação educativa e instrutiva das crianças e com a criação de unidades académicas de nível superior, a capacitação dos adultos para se adapatrem aos desafios que se impõem para o futuro de Angola.

Por todas as localidades urbanas e em algumas aldeias os postos vêem-se novos centros de saúde e hospitais erguidos nestes quinze anos com a aplicação dos fundos públicos em investimentos que favoreceram a aproximação dos serviços de atendimento médico à população.

Os esforços continuam ainda na construção de uma rede rodoviária que desimpediu o acesso às comunidades rurais e fez fluir as trocas comerciais entre o campo e a cidade nesta região com grande capacidade produtiva. Muitas destas estradas foram terraplanadas para permitirem não somente o trânsito das mercadorias para a população, mas para facilitarem também a livre circulação de pessoas por estas terras que são passagem orbigatória para quem viaja outros pontos de Angola.

As charruas e as alfaiam rasgam as terras recentemente desminadas para darem lugar à produção de alimentos para o povo ou à criação animal. As famílias camponesas, apoiadas pelo Executivo com sementes e instrumentos agrícolas, concorrem em s\a relação com os detentores dos grandes terrenos na produção dos alimentos necessários ao consumo, à produção e à estabilidade social. Em outras zonas já se vê o ressurgir da produção do café que contribuiu no passado para o nascimento de muitas destas vilas que fazem parte da grande e bela Província do Cuanza-Norte.

Cuanza-Norte
O renascer das terras da Rosa de Porcelana

COORDENAÇÃO: Domingos dos Santos e Manuela Gomes

PAGINAÇÃO: Valter Vunge, Adérito Manuel e Adilson Santos

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO: Edições Novembro-E.P

PROJECTO GRÁFICO: Albino Camana

APOIO: TravelGest, Antonika, Loanda Hotel, Risort Kanawa Mussulo, Dream Space, Hotel Epic Sana, Hotel Ngazeca, Hotel Ritz, Infotur e Viva Luanda Restaurante

EDIÇÕES NOVEMBRO

PROPRIEDADE: Edições Novembro, E.P.

SEDE: Rua Rainha Ginga, 12-26
Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção: 222 020 174
Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073
Telegramas: Proangola
e-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:
António José Ribeiro (presidente)

ADMINISTRADORES EXECUTIVOS:
Victor Manuel Branco Silva Carvalho
Eduardo João Francisco Minvu
Mateus Francisco João dos Santos Júnior
Catarina Vieira Dias da Cunha
António Ferreira Gonçalves
Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

ADMINISTRADORES NÃO EXECUTIVOS:
Olímpio de Sousa e Silva
Engrácia Manuela Francisco Bernardo

Educação

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

A felicidade de estudar é expressa na alegria das crianças

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

O governador José Maria dos Santos tem prestado especial atenção ao ensino primário

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Está a ser reduzido o número de crianças que estão fora das escolas

Mais de sete mil novos alunos inscritos no sistema de ensino

Programa do Governo Provincial de combate ao analfabetismo com resultados positivos

André Brandão

Mais de sete mil novos alunos foram inscritos no Ano Lectivo 2017/2018 na Província do Cuanza-Norte, revelam dados da Direcção Provincial da Educação a que o *Jornal de Angola* teve acesso.

Com a inserção deste número de alunos no Sistema de Ensino, esta Província passou de 145 mil para 152 mil alunos matriculados.

Estes números foram acompanhados por um intenso trabalho de construção e reabilitação de escolas que estão a levar à diminuição, ano após ano, da incidência de crianças em idade escolar fora do Sistema de Ensino.

No âmbito do Programa de Investimentos Públicos (PIP), estão inscritos para este ano mais projectos de construção de escolas e o seu apetrechamento com bibliotecas e campos multiuso para a prática desportiva.

No presente Ano Lectivo, foram inseridos na alfabetização mais de 30 mil alunos, que vão dar continuidade ao esforço do Governo Provincial de combate ao analfabetismo na Província do Cuanza-Norte.

O Ano Lectivo foi preparado num ambiente de bastantes restrições no capítulo financeiro, em virtude dos condicionalismos provocados pela descida acentuada do preço do petróleo no mercado internacional, mais ainda assim as aulas começaram e prosseguem sem quaisquer restrições, para que o conhecimento e os valores da ética e da moral estimulem as boas práticas consubstanciadas no respeito das normas vigentes, em que sobressai a valorização da aptidão e o mérito dos alunos e professores.

Com a inserção de tão elevado número de alunos no Sistema de Ensino, a Província do Cuanza-Norte passou de 145 mil para 152 mil alunos matriculados

Em concreto, 34.951 cidadãos do Cuanza-Norte frequentaram, no ano passado, as aulas de alfabetização. Destes, foram aprovados 22.990, com uma cifra de 20.600 mulheres, 2.686 das quais foram classificadas como tendo ficando livres do analfabetismo, ao concluírem com êxito o Módulo Três, equivalente à 6ª Classe. No mesmo período, mais de 500 alunos terminaram o Ensino Médio nas escolas de Ensino Geral e Profissional.

Escolas Superior absorvem centenas de estudantes

A Escola Politécnica e a Escola Pedagógica do Cuanza-Norte, abertas em 2007 e 2011, respectivamente, têm atraído para Ndalatando dezenas de estudantes provenientes das províncias do Uíge, Cuanza-Sul, Malange e Bengo, Huambo, Huíla, Bié, Cunene e Lunda-Norte.

A Escola Superior Politécnica ministra licenciaturas em Informática de Gestão, Contabilidade de Gestão, Administração Pública e Análises Clínicas. Adstrita à Universidade Kimpa Vita, com sede na Província do Uíge, a Escola Superior Politécnica tem 2.584 estudantes, 791 dos quais entraram no presente Ano Lectivo.

O Director-Geral da Escola Superior Politécnica, Pedro Vita, precisou que a instituição formou no ano passado 46 licenciados nos diferentes cursos que lecciona e até Abril deste ano foram graduados mais 135 estudantes. No total, a Escola Superior Politécnica do Cuanza-Norte já lançou para o mercado de trabalho 181 licenciados.

Já a Escola Superior Pedagógica, que iniciou as actividades em 2007 com os cursos de Biologia, Química, Física, Matemática, Português/Francês e Educação de Infância, de 2009 a 2013 formou 1.927 bacharéis. Em 2016 outorgou diplomas a 500 estudantes e em 2017 graduou mais 203 estudantes, totalizando 703 licenciados desde a sua abertura.

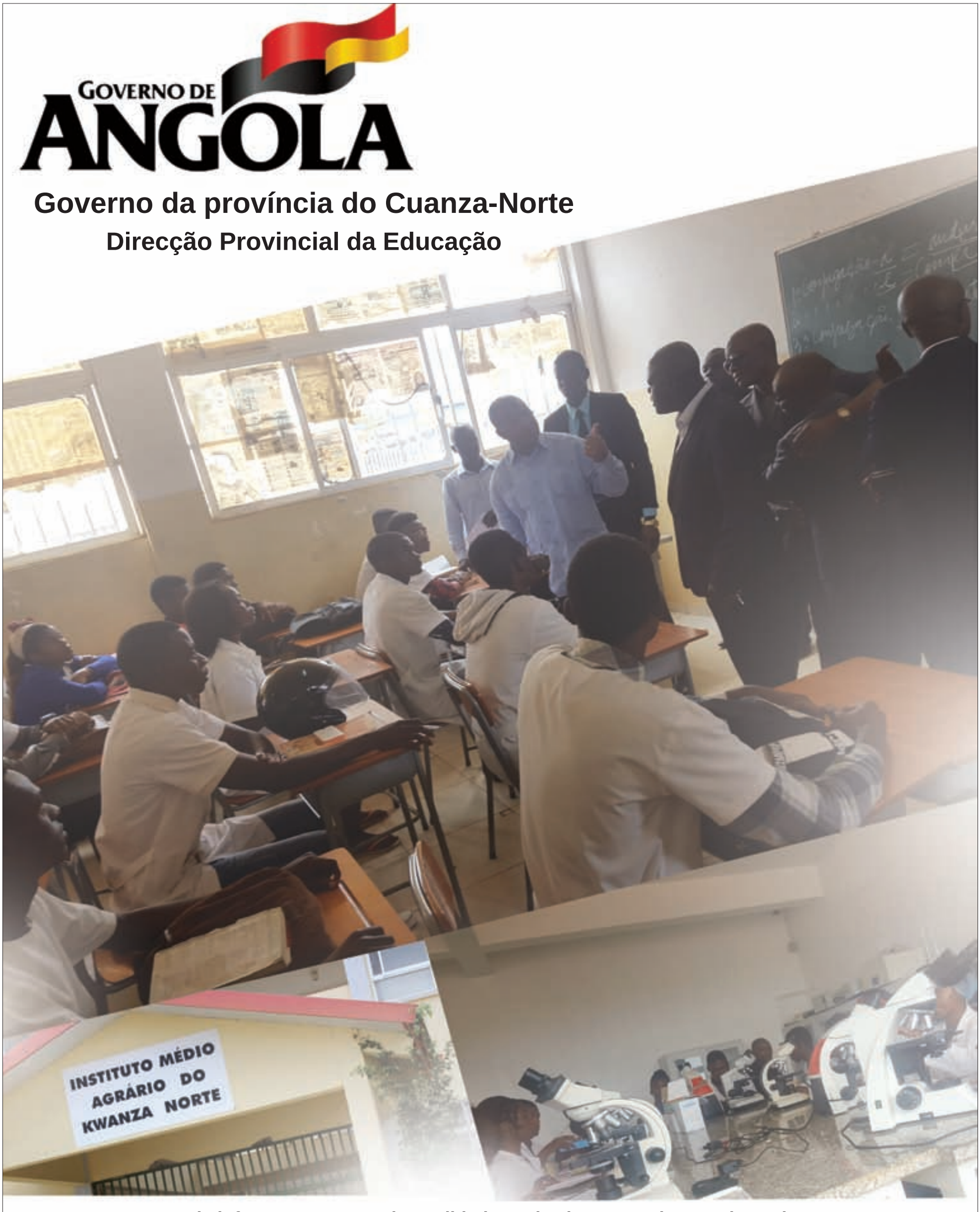
Com cerca de 83 professores, sendo 32 efectivos, 28 colaboradores e 23 funcionários de nacionalidade cubana, a Escola Superior Pedagógica tem a perspectiva de, nos próximos anos, abrir cursos de Geografia e História.

AB

GOVERNO DE ANGOLA

Governo da província do Cuanza-Norte

Direcção Provincial da Educação



"Mais infra-estruturas, mais qualidade, mais alunos no sistema de ensino"

A construção e reabilitação de escolas reduz, ano após ano, a incidência de crianças em idade escolar foram do sistema de ensino e valoriza a aptidão e o mérito dos alunos e dos professores. No âmbito do Programa de Investimento Público, estão inscritos para sector da educação vários projectos de construção de novas escolas e o seu apetrechamento com equipamentos de apoios, como bibliotecas e campos multiusos para prática desportiva.

Assistência Médica

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Já é possível realizar consultas de fisioterapia

A doença do sono está controlada com a distribuição de mosquiteiros

O Hospital Municipal do Cazengo está melhor apetrechado

Doentes deixam de percorrer longas distâncias

Cuanza-Norte conta com mais de 100 médicos de diversas especialidades e 1.194 técnicos de diagnóstico

Manuel Fontoura

A construção de centros e postos médicos cada vez mais perto das comunidades tornou mais fácil o acesso aos serviços de saúde no Cuanza-Norte e reduziu de 14 para três quilómetros a distância percorrida pela população para receber assistência médica, revelou o Director Provincial Interino de Saúde, Mbiavanga Luvuezo Alves.

Apesar dessa redução na distância percorrida pelos doentes até aos centros de saúde, Mbiavanga Luvuezo Alves reconhece que ainda há muito trabalho por fazer no sentido de levar os serviços de saúde para mais perto da população, mas lembra que a Província beneficiou da construção de várias infra-estruturas entre 1975 e 2017, bem como aumentou o número de recursos humanos qualificados, equipamentos médicos e melhorou a capacidade de intervenção hospitalar.

Anteriormente, disse o Director, só havia quatro hospitais em toda a Província e hoje já são 11, além de duas maternidades, uma no Município do Cazengo e outra no Golungo Alto. "Tínhamos apenas 10 centros de saúde e agora temos 22, assim como passamos de 20 postos de saúde para 102 actuais. O número de camas subiu de menos de 200 em 1975 para mais de 1.050 nesta altura", explicou, recordando que, na altura da proclamação da Independência, a Província do Cuanza-Norte tinha apenas 73 unidades de saúde. Em termos de recursos humanos, o Cuanza-Norte conta com 101 médicos de várias especialidades, sendo 50 angolanos e 51 expatriados.

Mbiavanga Luvuezo Alves explicou que há alguns anos esta Província tinha apenas um técnico superior de enfermagem, contando neste momento com mais de 30, para além de 1.194 enfermeiros básicos, na maioria formados na área de diagnóstico e terapêutica.

Em 2002, indicou o Director Interino, a Província dispunha de apenas 35 técnicos de análises clínicas, contra os 90 actuais. Já o número de técnicos de apoio hospitalar cresceu de 188 para 848. Hoje, o Cuanza-Norte dispõe de 64 analistas clínicos e 800 funcionários de apoio hospitalar, para além de ter uma escola para a formação de enfermeiros e uma Escola Superior Politécnica para a formação de técnicos em análises clínicas e saúde pública.

O Hospital Provincial tem serviços de oftalmologia, otorrinolaringologia, ortopedia, núcleo de rastreio do cancro, que anteriormente não existiam, para além das especialidades de estomatologia, imageologia, ginecologia, obstetrícia, medicina interna, cirurgia, psicologia, laboratório de análises clínicas, urgências/emergências médicas, ancitosia e outras.

"Hoje temos tecnologia para diagnóstico com TAC, ecografia, aparelhos modernos de análises clínica, bioquímica, hematologia, serologia e tantos outros. Por exemplo, o serviço de radiologia era feito de forma manual à base de fixadores e relhadores e hoje é digitalizado", disse, destacando agora os serviços de cardiologia, neurologia, psiquiatria, nefrologia e mamologia.

O Hospital Provincial tem serviços de oftalmologia, ortopedia, rastreio do cancro, estomatologia, imageologia, ginecologia, obstetrícia, cirurgia, psicologia, laboratório de análises clínicas, de bioquímica, hematologia e serologia

Mbiavanga Luvuezo Alves mencionou igualmente a existência de serviços de saúde reprodutiva, de testagem e aconselhamento voluntária sobre o VIH/Sida, que começaram a funcionar a partir de 2006 e começam a ser implantados e consolidados em toda a Província.

A maior unidade hospitalar da Província conta ainda com equipamentos como ecógrafos, incubadoras, electro-cardiógrafos, tocógrafos e monitores para detenção dos sinais vitais em todas as camas e, a nível do laboratório, existe o espectofotómetro e outros meios modernos, o lixo hospitalar é incinerado, ao contrário do passado em que era depositado num buraco feito por trás da própria unidade hospitalar.

O Sector de Saúde do Cuanza-Norte ostenta igualmente outros equipamentos novos: cadeira completa de estomatologia, equipamentos de otorrinolaringologia e diantoscopia, que funcionam com normalidade.

O Director Provincial de Saúde confirmou a existência de dispensários em todos os municípios e um sanatório, localizados no Quilómetro 11, nos arredores da cidade de Ndalatando, para o atendimento dos casos de tuberculose.

Até 1975, as principais doenças da região eram a tripanossomíase, a malária, a tuberculose, infecções respiratórias agudas, shistosomiase, filaríase, lepra, febre-amarela, varíola e sarampo. Actualmente, são tidas como doenças infecciosas mais frequentes a malária, a tuberculose, diarreicas e respiratórias agudas, as negligenciadas como a shistisomiase e a filariose, para além das crónicas não transmissíveis, com destaque para as cardiovasculares, como a hipertensão arterial, a diabetes, os traumas por acidente de viação, o cancro e as doenças mentais. "A doença do sono não é preocupante, apesar da Província se encontrar numa área endémica. O importante é a vigilância em capturar as moscas e prevenir que não haja doentes. Basta ter um doente numa área para a doença se estender a mais pessoas", frisou Mbiavanga.

Produção de algas espirulinas

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

A produção de algas espirulinas pretende reforçar a nutrição das crianças

O projecto engloba no pacote de produção a transformação do peixe e espirulina

Idosos e crianças com a dieta melhorada

Projecto-piloto dispõe já de infra-estruturas construídas no âmbito do Programa de Investimentos Públicos (PIP) através do Ministério das Pescas, em parceria com o Governo Provincial, e popõe-se valorizar a primeira experiência numa escala maior de produção, antes de passar para o nível nacional

Manuel Fontoura

Um projecto destinado à produção de algas espirulinas foi lançado na localidade da Lagoa do Ngolome, Município de Cambambe, com o propósito de diminuir o défice nutricional das crianças e idosos de diversas localidades da Província do Cuanza-Norte.

O projecto-piloto dispõe já de infra-estruturas no Ngolome, construídas no âmbito do Programa de InvestimentosPúblicos (PIP), através do Ministério das Pescas, em parceria com o Governo da Província do Cuanza-Norte.

Segundo o representante da FAO em Angola, Mamoudou Diallo, a alga espirulina é um alimento com altíssimo valor nutritivo, que é actualmente utilizado como comida, alimento terapêutico e suplemento alimentar.

O funcionário da ONU explicou que a espirulina contém proteínas, aminoácidos essenciais e vitaminas minerais e é, sem sombra de dúvida, o único alimento que tem a concentração mais alta de macro e micro nutrientes, que ajudam a fazer face ao défice nutricional decorrente nas camadas mais vulneráveis das populações, as crianças e os idosos.

Para Mamoudou Diallo, a espirulina é um alimento já desenvolvido nos cincos continentes. Pelo seu valor nutritivo único no mundo e ímpar pelo rendimento, que o tornou num objecto de comércio mundial, constitui até uma fonte de divisas vindas da exportação em muitos países. A Índia é o primeiro exportador deste produto, além da China, Cuba, México, Israel, Estados Unidos, Burquina Faso, Chade e Ghana.

Angola teve a primeira experiência de produção artificial de espirulina, realizada pela primeira vez em 2014, no Perímetro do Kicuxi (Luanda), em teste de pequena escala, para se ver a capacidade de produção deste produto de maneira artificial. O teste teve resultados conclusivos com grande qualidade.

O projecto-piloto, segundo Diallo, propõe-se valorizar a primeira experiência numa escala maior de produção, antes de passar para uma produção nacional, no âmbito de um futuro programa da cadeia de valor integrado, numa parceria público-privada entre os Ministérios das Pescas, da Saúde, da Agricultura, da Família e Promoção da Mulher e organizações não-governamentais que trabalham na área da nutrição.

O Fundo das Nações para a Agricultura e Alimentação vai acompanhar a construção de uma escola primária e apoiar o perímetro hortícola, controlando a transformação dos produtos que vão sair do Ngolome

De acordo com o representante da FAO em Angola, com este projecto o Ministério das Pescas vai aumentar e diversificar de modo sustentável a produção aquícola, incluindo a espirulina, para poder melhorar a situação nutricional das crianças, que vão ter um estatuto melhor na Lagoa de Ngolome.

Este projecto de cooperação não vem isolado. A FAO vai acompanhar a construção de uma escola primária e apoiar o perímetro hortícola, controlando a transformação dos produtos que vão sair da localidade.

Para além disso, vai ser instalada uma cantina escolar para os alunos, processo englobado no pacote de produção e transformação do peixe e espirulina, que não seria possível realizar sem a vontade política do Executivo levada a cabo pelo Ministério das Pescas e a FAO.

Aquicultura

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CAUNZA-NORTE

Ministério das Pescas identifica espécies de peixes nativos próprios para a Piscicultura

Mucoso produz 340 toneladas de pescado por ano

Programa de criação de tilápia está orçado em quatro milhões de dólares

Marcelo Manuel

A segunda fase do projecto de criação de larvas de tilápia na região do Mucoso, que agrega a etapa de engorda e comercialização do cacusso, em 18 tanques de três metros cúbicos, está a permitir a produção anual de 340 toneladas de pescado, além de aglutinar uma fábrica de gelo.

Orçado em quatro milhões de dólares, o projecto, de iniciativa do Governo, tem também armazéns, zona de biofiltro e máquina classificadora de oxigénio. A sua criação teve como propósito o aumento da produção da tilápia, a redução das importações de pescado, a criação de excedentes para a exportação, a geração de emprego, a diversificação da economia e a redução da fome e da pobreza.

Investigação científica

Mucoso é um campo fértil para a investigação científica que pode galvanizar a luta do Governo em relação ao combate à fome e para a diminuição da pobreza. Os estudantes das universidades angolanas podem encontrar aqui condições para a investigação científica.

A Direcção do Centro de Larvicultura do Mucoso, em parceria com o Ministério de tutela, está a trabalhar na identificação de espécies de peixes nativos potenciais para a Piscicultura, na avaliação de novas fontes para a alimentação do peixe, como o farelo de soja, a farinha de massango, o farelo de trigo, a farinha de milho e o desperdício do gado e do peixe.

O Centro do Mucoso foi aberto em Março 2015. Segundo o seu Director, Evaristo Lourenço, para a produção anual de dois milhões de alevinos, o centro usa reprodutores da tilápia melhorados geneticamente através da aplicação da técnica de reversão sexual na fase inicial de cultivo para a obtenção de machos monossexuais, para além da criação e fornecimento de ração adequada. Para tal, o Centro dispõe de um Laboratório de Larvicultura, tanques secundários de reversão sexual, viveiros em estufa, viveiros de gestão de reprodutores, sistema de captação e bombagem, tanque de decantação, área administrativa e residências e tanques secundários de alevinagem.

Em 2016, ainstituição entregou aos criadores da Província do Cuanza-Norte 24 mil alevinos de qualidade para o fomento, procedeu à formação e capacitação sobre demonstração de produção de alimento alternativo para os peixes e produziu 650 mil larvas e 117 mil alevinos de 15 gramas.

Um dos jovens que conseguiu o primeiro emprego na área de engorda do cacusso, Guilherme Cateve, formado em Biologia, disse sentir-se bem em trabalhar para a diversificação económica.

Cooperativa "Somos Nós"

Os sete membros da Cooperativa de Aquicultores do Alto-Dondo "Somos Nós" receberam do Ministério das Pescas um barco a remos, com capacidade para 250 quilos, com objectivo de auxiliar os trabalhos de transporte e manuseio do pescado.

De acordo com o presidente da Cooperativa "Somos Nós", Paulo Rufino, ele e companheiros desenvolvem a actividade da aquicultura numa represa natural criada numa antiga zona de escavação de inertes, com uma dimensão de 400 metros quadrados e profundidade de 15 metros, em tempo de chuva, e seis, no cacimbo.

Dos cinco mil alevinos recebidos do Ministério das Pescas, em Junho passado, a lagoa conta agora com mais de 50.000 cacussos. Segundo Rufino, a falta de farinha de peixe é um dos principais constrangimentos para a preparação da ração artesanal na Cooperativa, que contribui para a sustentabilidade dos seus membros.

"Desde a abertura da nossa Cooperativa em Junho, nunca mais soubemos o que é passar fome. A nossa represa garante-nos o peixe para a alimentação, para além do dinheiro das vendas, que permite a compra de outros meios essenciais para a nossa vida", disse o presidente da Cooperativa.

A Cooperativa já vendeu 25.000 cacussos ao preço de 500 kwanzas o quilo, mas para a produção e comercialização em grande escala precisa agora de comprar mais meios de produção, pelo que é necessário um financiamento bancário, referiu Paulo Rufino.

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Cooperativa de Aquicultores recebeu barcos a remo

Aldeia piscatória

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Foram reduzidas as perdas de pescado e abertos 320 postos de trabalho

Os tanques para a colocação de 20 mil peixes em processo de engorda

Ngolome tem a maior lagoa do norte de Angola

Os habitantes estão organizados em mais de 20 Cooperativas que se dedicam à pesca continental

Manuel Fontoura
Marcelo Manuel

Ngolome é uma aldeia do Município de Cambambe construída à volta da maior lagoa da região norte de Angola. As mais de 1.500 pessoas vivem em feiras e dedicam-se à pesca artesanal.

Os habitantes de Ngolome estão organizados em mais de 20 Cooperativas de Pesca. A lagoa tem uma extensão de 14 mil metros quadrados e é composta por 99 baixas, vulgarmente chamadas braços. Para dar aos habitantes novas competências em pesca, o Governo, em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), está a formar os habitantes de Ngolome em matérias ligadas à pesca artesanal e continental.

É-lhes dada também a possibilidade de participarem no desenvolvimento do projecto sócio produtivo denominado Horta Comunitária que visa a melhoria da dieta da população, lançado pelo Governo na comunidade. A Horta Comunitária foi concebida para produzir peixe, ração do tipo espirulina, soja, milho e moringa. Depois de formados, os habitantes de Ngolome têm a responsabilidade de sustentar esses serviços.

Os cursos básicos de formação de pescadores artesanais contemplam a componente de pesca que inclui máquinas e segurança ecológica, aquicultura, alimentação e tantos outros. Depois de formados, os pescadores trabalham nas estufas de algas espirulinas que o Governo está a construir na localidade, numa extensão de, aproximadamente, 200 metros quadrados.

Os projectos permitiram já a colocação de cerca de 20 mil peixes em processo de engorda para atingirem entre 350 a 400 gramas. Depois os peixes passarão para a componente de processamento, que pode ser fresco, seco ou fumado.

A Horta Comunitária e a Piscicultura compõem-se de tanques escavados e em gaiolas. No âmbito da aquicultura, serão instaladas novas gaiolas, feito o seu povoamento e lançado o projecto para a área do cultivo de espirulinas. A população d Ngolome recebeu uma máquina para a produção de peixe de uma empresa chinesa, no âmbito da responsabilidade social da empresa.

O centro foi construído no âmbito da estratégia de desenvolvimento da pesca artesanal, com o objectivo de combater a fome e a pobreza

O Governo angolano pretende transformar a comunidade piscatória da Lagoa deNgolome numa comunidade com rendimento médio, com uma população próspera, saudável e instruída. A construção de infra-estruturas de apoio à pesca, nomeadamente, o Centro de Processamento e Beneficiamento do Pescado já existente, faz parte do objectivo das autoridades angolanas, através do Ministério das Pescas. A grande meta do Ministério das Pescas, conforme disse a Ministra Vitória de Barros Neto, é o melhoramento dos processos de exploração e gestão dos recursos aquáticos, promovendo ao mesmo tempo mudanças de mentalidade e mobilizando vontades para trilhar o caminho da redução da insegurança alimentar e romper o ciclo da pobreza. Para a Ministra, torna-se imperioso incentivar o desenvolvimento das comunidades ribeirinhas de modo integrado, priorizar a extensão e a animação rural, bem como a investigação, a assistência técnica, a formação e promoção do acesso ao crédito financeiro, por forma a garantir sustentabilidade aos projectos.

No Ngolome está a ser erguida uma escola de seis salas, para a melhoria do ensino às crianças e mulheres. A unidade escolar vai custar cerca de um milhão de dólares, num financiamento da FAO. A escola está a ser construída numa área de 550 metros quadrados e vai albergar 30 alunos em cada sala.

O Centro de Formação e Processamento da região piscatória do Ngolome, em Cambambe, é apontado pela população e entidades tradicionais como a "tábua de salvação" económica da região, devido à influência que vai ter no aproveitamento e redução das perdas do pescado após captura, a par de garantir cerca de 320 postos de trabalhos directos e indirectos.

A iniciativa consta do programa governamental ligado à diversificação da economia, financiado pelo Estado angolano em parceria com a FAO, orçado em 1,39 milhões de dólares.

Esta acção faz parte do leque de unidades do Pólo de Desenvolvimento de Massangano, que alberga fábricas de transformação de produtos agrícolas, têxteis e de fermentação de bebidas alcoólicas e refrigerantes. O complexo foi erguido no âmbito da Estratégia de Massificação e Desenvolvimento da Pesca Artesanal e Continental desenvolvido pelo Executivo com o objectivo de garantir as premissas necessárias ao combate à fome e à pobreza através do aumento do rendimento familiar.

Indústria Têxtil

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

O algodão vem da Grécia e da Índia, mas é intenção do Governo angolano que a matéria-prima seja produzida no país

A empresa vai gerar 1.500 postos de trabalho nas áreas de tecelagem, tingimento, corte e costura, entre outros serviços

Mão-de-obra qualificada

A formação decorre sem sobressaltos e os jovens esperam ansiosos a hora de começarem a produzir as primeiras roupas para o mercado. A formação é dada por técnicos indianos, italianos e portugueses que trabalham com rigor e afinco na transmissão dos conhecimentos.
O professor João Carmona, de nacionalidade portuguesa, formador da área de tecidos, trabalha no projecto desde Fevereiro e afirma que os jovens têm dado o máximo no que toca a aprendizagem dos conteúdos temáticos.
A fábrica de roupa e tecidos Satec é umas das poucas existentes no continente africano e, segundo Carmona, pela sua estrutura e equipamento moderno, pode ajudar Angola a reduzir a importação e contribuir para a qualidade da indumentaria da população nacional.
"Os jovens formados nesta fábrica devem estar orgulhosos por serem escolhidos para o efeito pelo facto da fábrica possuir estrutura e técnicas têxteis recomendadas mundialmente", destacou Carmona.
O Administrador Municipal de Cambambe, Francisco Manuel Diogo, considera o arranque da Fábrica Satec, ribeirinha da Estrada Nacional Nº 230-A, no sentido de Luanda para Malanje, uma "lufada de ar fresco" para a economia da Província do Cuanza-Norte e do País em geral, pelo facto de gerar postos de trabalho para os jovens e contribuir para a diversificação da economia.

SATEC vai reduzir a importação de roupa

A fábrica vai produzir mensalmente 180 mil camisolas e 480 mil metros de tecidos "jeans"

Marcelo Manuel

Angola vai reduzir os custos de importação de camisolas, camisas e tecidos do tipo "jeans", com a entrada em funcionamento da fábrica têxtil da Satec, em Agosto, na cidade do Dondo, Município de Cambambe.

O projecto é de âmbito central, financiado pelo Governo japonês, no âmbito da cooperação entre os dois países. De acordo com o Director do fábrica, Akira Nanao, em Angola já estão concluídas três empresas do género, nomeadamente, nas províncias de Luanda, Cuanza-Norte e Benguela, com um orçamento geral de mil milhões de dólares.

No caso particular da Satec, segundo Akira Nanao, a fábrica vai produzir mensalmente 180.000 camisolas, 150.000 camisas e 480.000 metros de tecidos "jeans". A empresa vai gerar 1.500 postos de trabalho directos nas áreas de operadores de máquinas, tecelagem, tingimento, corte e costura, administração, cozinha e limpeza, entre outros serviços.

A fábrica está erguida numa área total de 88.000 metros quadrados, com áreas para a produção de malhas de tecidos, armazéns para produtos químicos, algodão, roupas, tecidos, casa das caldeiras, área de tratamento de água, refeitório com capacidade de 600 lugares, áreas administrativas e 10 casas de banhos para cada género.

"A energia está a ser suportada por sete grupos geradores e a empresa conta com dois furos hertzianos com capacidade de fornecerem 3.000 metros cúbicos de água por dia e uma creche para 50 crianças que prevê beneficiar os filhos de trabalhadoras e outras pessoas da comunidade", diz Akira Nanao. Os trabalhos de reabilitação e ampliação da empresa começaram em Agosto de 2013 com a criação e construção das unidades que compõem a fábrica e foram concluídos em Dezembro de 2015. "Neste momento, estamos a fazer a formação dos futuros operadores que vão trabalhar com as máquinas. Já concluímos a montagem de toda a maquinaria técnica e acreditamos que em Agosto podemos entregar a fábrica para a inauguração", disse Akira.

A primeira fase de formação terminou em finais de Junho, com um total de 600 jovens. A fase posterior arranca em Agosto e vai durar três meses.O derradeiro turno começa em Janeiro de 2018.De acordo com Akira Nanao, os jovens aprendem técnicas de tecelagem, tingimento e confecção do produto final. O algodão vem da Grécia e da Índia, mas é intenção do Governo angolano criar condições para que a mataria-prima seja produzida em Angola. Para suportar a produção, segundo o Director Akira, são necessárias anualmente 6.300 toneladas de algodão.

O *Jornal de Angola* constatou que o primeiro leque de 600 jovens em formação vai ter enquadramento directo após a conclusão da formação, em função do grau de aproveitamento de cada um. Alguns podem ser catapultados para formarem outros no futuro, numa forma de valorização dos recursos humanos nacionais, evitando gastos com a contratação de técnicos estrangeiros. Rosa Ernesto, uma operária de 28 anos, disse à reportagem que durante os três meses de formação já aprendeu técnicas de tecelagem, para além de manusear correctamente as linhas e máquinas.

Boas colheitas

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

A mandioca é a principal cultura da Província com mais de 55 por cento de área cultivada

Outros produtos agrícolas começam a registar safras

Director Provincial da Agricultura, Humberto Mesquita

Grande fartura na produção de mandioca

O processo de plantação do turbéculo é longo e começa com o cultivo das estacas na terra. Ao fim de seis meses ou um ano, dependendo da espécie, a raiz da mandioqueira está pronta para ser consumida crua, assada, cozida, frita, ou mesmo macerada em água para ser transformada em bombó

Manuel Fontoura

Há mais de 10 anos que os níveis de produção da mandioca na Província do Cuanza-Norte têm sido animadores, ultrapassando os 100 por cento de produtividade.

Segundo dados do Departamento Provincial do Instituto de Desenvolvimento Agrário do Cuanza-Norte, a mandioca é a principal cultura de base desta Província e ocupa 55 por cento da área cultivada, seguida da cultura do milho.

É a partir da transformação da mandioca em fuba que resulta o funje de bombó, o principal alimento consumido no norte de Angola. Segundo o Instituto de Desenvolvimento Agrário, esta Província há muito que deixou de ter problemas com a mandioca, tendo apenas constrangimentos na cadeia de comercialização.

Em relação ao aprovisionamento e distribuição de factores de produção, o IDA recebeu e distribuiu, durante o ano passado, 10 toneladas de sementes de milho e algumas estacas de mandioca, perspectivando-se maiores níveis de produção nos próximos anos.

Processamento

Ao contrário das dezenas de pequenas fábricas (moínhos), espalhadas um pouco por todos os bairros da periferia da cidade de Ndalatando, muitos cidadãos ainda preservam o hábito de moer tanto o milho como o bombó no pilão de casa para produzirem a fuba.

O Cuanza-Norte há muito deixou de ter problemas com a mandioca, tendo apenas constrangimentos na sua cadeia de distribuição e comercialização, numa altura em que foram distribuídas cerca de 10 toneladas de sementes de milho e algumas estacas de mandicoca para maiores níveis de produção

Antes disso, o processo é mais ou menos longo.

Por exemplo, a mandioca, de acordo com o camponês Marcolino André Filipe, 54 anos de idade, começa com a plantação das estacas na terra e ao fim de seis, ou mesmo um ano, dependendo da espécie do produto, a raiz da mandioqueira está pronta para ser consumida. Ela pode ser comida crua, assada, cozida, frita ou mesmo macerada em água, até dois a três dias, para ser transformada em bombó. Segundo Marcolino André Filipe, o bombó pode igualmente ser assado, frito, ou moído e transformado em fuba para de seguida ser usado na preparação do funje, como já referido.

Já o processo de produção da fuba de milho é um tanto ou quanto diferente. Marcolino Filipe recordou que o milho fica mais tempo na água, mais ou menos cinco dias e depois passa um tempinho ao sol, sem deixar secar muito. É moído para retirar a casca do bago e só depois volta ao sol para secar integralmente, seguindo-se, depois deste estágio, o processo de transformação em fuba.

Gráfica Námbua

Eu Sou Qualidade

Eu Sou Gráfica Námbua

Criação de: *LOGOTIPO - CARTÕES DE VISITAS - CONVITES CARIMBOS NA HORA- PANFLETOS - CARTÕES PVC.

Faz- se: *SINALÉTICA - PLACAS DE INFORMAÇÃO - DECORAÇÃO DE VIATURAS.

Timbramos: *T-SHIRTS - CHAPÉUS - BATAS - UNIFORMES - SACOS - PASTAS .

Outros Serviços: *IMPRESSÃO EM LONAS E VINIL AUTOCOLANTE E PERFURADO

BLOCOS DE FACTURAS, LIVRO DE PONTO, LIVRO P/ MONOGRAFIA E MUITO MAIS...

NDALATANDO-CUANZA NORTE

Rua da Missão de Fronte aos Correios de Angola

Telf: (+244) 916 098 181 / 923 218 236 / 923 770 755 - Email: grafnambua14@hotmail.com

Sexta-feira
14 de Julho de 2017

Bago vermelho

Incentivo ao aumento da produção do café

Os municípios de Samba-Caju e Lucala abarcam um projecto que visa a produção anual de dois milhões de mudas de planta melhoradas com o propósito de elevar os níveis do cultivo do bago vermelho nas províncias de Malanje, Uíge e Cuanza-Norte e produzir em média 30 mil toneladas por ano ao contrário das oito mil actuais

Marcelo Manuel

Ernesto Macongo é natural e residente na comuna da Cerca, onde exerce a actividade agrícola desde a sua juventude num pedaço de terra com 360 hectares, no qual cultiva milho, ginguba e citrinos, mas é naprodução de café que está a sua grande paixão.

Hoje, com 78 anos, está preocupado pelo facto de os filhos e netos que residem em Luanda se desinteressarem dos anseios do patriarca em relação ao cultivo do bago vermelho na Cerca, no Município do Golungo-Alto.Para Macongo, a terra da Cerca é boa para a lavoura, apesar da falta de meios para o escoamento, agravado pelo mau estado de conservação das vias de acesso que ligam a comuna aos mercados de Ndalatando, Golungo-Alto e Luanda, associada ao problema dos elefantes, que devoram uma boa parte da produção,à excepção do café e do limão.

Durante a colheita passada, o agricultor vendeu 5.820 quilos de café, a par de outras quantidades de laranja, limão, banana e hortaliças. Este ano prevê duplicar a produção.

Segundo o chefe do Departamento do Café do Cuanza-Norte, José da Costa Neto,a Província do Cuanza-Norte conta com 1.231 produtores, 666 dos quais exercem a actividade cafeícola de forma directa. Durante o ano agrícola de 2015/2016, houve uma produção de 950 toneladas.As zonas de maior produção situam-se nos municípios de Golungo-Alto, Cazengo e Ambaca.

Aumento da produção

As fronteiras dos municípios de Samba-Caju e Lucala abarcam um projecto que visa a produção anual de duas mil milhões de mudas de plantas de café melhorado, com o propósito de elevar os níveis de produção cafeícola nas províncias de Malanje, Uíge e Cuanza-Norte.

A intenção da criação deste empreendimento pelo Instituto Nacional do Café (INCA), segundo o seu director, João Ferreira Neto, é produzir em média, daqui a quatro anos, 30.000 toneladas de café por ano, ao contrário das oito mil actuais.

Engenheiro agrónomo, Ferreira Neto sublinhou que asua equipa desenvolve no município de Cazengo um projecto destinado a assegurara preservação do "café Cazengo", uma espécie do café robusta, através de um processo investigação e reprodução da espécie, cujos canteiros estão a ser desenvolvidos no Centro de Investigação Agronómica do Quilombo.

O responsável revelou que o Governo Central está a intervir junto da banca nacional com o propósito de criar condições de financiamento para os cafeicultores, cuja modalidade de pagamento seja em crédito campanha."Queremos que os agricultores beneficiem de crédito rápido e eficiente, por forma a aumentarmos as zonas de produção e depois estes pagarem o dinheiro de empréstimo de forma razoável", disse o engenheiro.

João Ferreira Neto destacou que em 2016Angola teve uma produção de oito mil toneladas de café comercial, mil das quais foram já exportadas. Em todo o país, existem mais 50 mil cafeicultores.

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Ernesto Macongo colheu na campanha agrícola passada 5.820 quilos de café

Velha tradição

A tradição do café angolano é bastante antiga. Desde o século XIX, a região nordeste de Angola é famosa pelo rico solo e altitudes ideais para a produção do melhor café do tipo robusta do mundo. O café é produzido na Província do Cuanza-Norte nos municípios de Cazengo, Banga, Quiculungo, Bolongongo, Ambaca, Golungo-Alto e noutras localidades.

Recentemente, mais de 200 líderes de Cooperativas e Associações produtoras dos 10 municípios da província foram habilitadosem técnicas modernas de aperfeiçoamento da qualidade e dos métodos de gestão da produção do café. A formação teve como objectivo dotar os cafeicultores de técnicas de mecanização, qualidade do café e gestão de "stocks",para que a província retorne aos níveis de produção em quantidade e qualidade que sirvam para exportar o produto e manter a região como uns dos maiores produtores de Angola.

O café assumiu um peso significativo na Angola colonial. No âmbito do programa de aceleração da diversificação da economia, as autoridades estão agora determinadas em recuperar a produção em condições de maior justiça laboral e social. O aumento da produtividade do café passa tanto pela capacitação dos cafeicultores como pela melhoria da qualidade de vida das comunidades.

Em 1970 a superfície total das plantações de café estava estimada em 596 mil hectares. Deste número, 64,3 por cento correspondia a empresas comerciais, enquanto as empresas familiares ocupavam uma área de 35,7 por cento.A superfície média por exploração do sector comercial era de 164 hectares, enquanto no sector familiar era apenas de 0,79. Durante o período colonial, o sector colocou Angola entre os principais produtores mundiais, com uma produção anual de cerca de 200 mil toneladas.

Depois da Independência Nacional, na década de 80 do século passado, a Província do Cuanza-Norteesteve entre asmaiores produtoras de café, depois do Uíge e Cuanza-Sul. atractiva e rentável.Dada a importância do café no desenvolvimento do país e na obtenção de receitas para a diversificação da economia, o Executivo angolano traçou um plano estratégico para o aumento da produção de café e a revitalização da indústria cafeícola.

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

O bago vermelho pronto para a comercialização

Cafeicultores aprimoram técnicas de gestão e produção

Por dia são torreficados 70 quilos de café Cazengo

Em relação aos preços praticados para a venda do café, que ronda os 500 kwanzas o quilo, o responsável considerou não estarem de acordo com o recomendado pelos mercados internacionais, mas estão em linha com os preços actuais da venda de divisas, o que, em sua opinião, garante um certo equilíbrio económico na valorização do produto.

A falta de meios e condições adequados nos campos agrícolas são apontados por João Ferreira Neto como principais condicionantes da inserção de um maior número de jovens no sector agrário. Por isso, ele entende que é necessário a elaboração de programas viáveis para a captação desta franja para o campo, dando-lhes a oportunidade de criarem por si próprio as condições e adquirindo, através do trabalho, a dignidade pessoal e a saúde e o bem-estar para a sua família.

Mercado mundial

A administração da marca "Café Cazengo" pretende de forma paulatina atingir outros mercados do mundo, levando para a mesa dos cidadãos americanos, onde já faz morada desde o ano passado, mas também para outros pontos da Europa, e não só, esse produto de consumo.

De acordo com o administrador da Empresa Café Cazengo, José Gonçalves, a sua meta é

Com um investimento na ordem de um milhão de dólares, a fábrica Café Cazengo, tem uma máquina de descasque com capacidade de cinco toneladas por dia

alcançar os grandes mercados mundiais e exploraroutros espaços, como é o caso do café de chávena, para além da abertura de bares nos Estados Unidos da América, para que a marca seja preparada e degustada pelo maior número de pessoas.

José Gonçalves afirmou que o café Cazengo foi bem recebido nos EUA, por ser um produto novo e saído de África, pelo que neste momento está a ser comercializado em mais de 300 lojas nos Estados Unidos da América.

"A história do município do Quiculungo também foi contada por lá. Sem sombra de dúvidas, isso fez com que atraísse ainda mais admiradores e apreciadores desta marca, para além da montagem de spots publicitários que têm promovido cada vez mais a conquista dos espaços americanos", disse José Gonçalves.

O empresário explicou que durante o ano passado a sua empresa iniciou um processo de incentivo à produção do café com a distribuição de instrumentos agrícolas e o financiamento aos cafeicultores de toda a província, com o objectivo do aumento da produção. Em seguida, houve o momento da compra e recolha do café. Durante aproximadamente três meses, começou a ser comercializado o café a um valor de 200 kwanzas por quilograma, contra os anteriores 60 kwanzas. Um aumento do preço do produto conduziu a um incentivo geral dos produtores.

"Há alguns anos, quando não havia incentivo, o preço do café era de 60 kwanzas por quilo. Mas hoje o quilo já está a ser comercializado a 200 kwanzas. Isto significa que já há mais incentivo e mais gente a produzir. As pessoas tinham na mente que, como o café tem a colheita uma vez no ano e os preços que se praticavam eram baixos, preferiam cultivar produtos como o milho, a mandioca e o amendoim", disse o administrador da Café Cazengo.

Café Cazengo

Com um investimento na ordem de um milhão de dólares, a Fábrica Café Cazengo, localizada na sede do Município de Quiculungo, cerca de 140 quilómetros de Ndalatando, tem uma máquina de descasque com capacidade de cinco toneladas por dia, outra de torrefacção, para quatro toneladas diárias, equivalente a 70 quilos em cada 15 minutos de funcionamento. São empacotados dois mil pacotes de 100 gramas de café torrado moído e em grão por dia.

De acordo com José Gonçalves, há um ano o café Cazengo era comercializado nos mercados paralelos de Luanda, mas hoje a distribuição foi alargada e já é possível encontrá-lo nos supermercados "Bem-Me-Quer", "Shoprite" e "Alimenta Angola".

Durante o ano passado, segundo José Gonçalves, foi possível recolher cerca de 300 toneladas de café em quase todos os municípios da Província do Cuanza-Norte que estavam nas mãos dos cafeicultores da região, para além de uma boa parte nas províncias do Bengo e do Cuanza-Sul.

O produto final é comercializado nos supermercados ao preço de 1.090 kwanzas o pacote de 100 gramas, seja ele moído ou em grão. A fazenda adstrita à marca Cazengo é de 680 hectares e emprega, para além do pessoal da fábrica, um total de 25 trabalhadores, na maioria contratados localmente.

A política de incentivo à produção, segundo o responsável, assenta no crédito. Com issofoi possível criar uma Loja do Cafeicultor, onde produtores do bago vermelho procuram catanas, enxadas, adubos, fertilizantes, bens alimentares e dinheiro a crédito que depois é reembolsado com o café. As quantidades dependem do valor da produção de cada um.

Planalto de Camabatela

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Estima-se que existam no Planalto mais de 18 mil cabeças de gado de diversas raças

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

O matadouro tem capacidade de abate diário de 120 cabeças

A criação de gado requer grande capacidade financeira

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

A aposta na carne bovina

O objectivo é produzir carne para o consumo interno e para a exportação e criar mais postos de trabalho

Silvino Fortunato

O Estado angolano trava, há anos, uma incessante luta pelo povoamento de gado bovino no Planalto de Camabatela, com o propósito de produzir carne para o mercado interno e externo, assim como fomentar o emprego. Para isso, já foram idealizados vários projectos e programas que, em abono da verdade, ainda não surtiram os êxitos desejados.

Este planalto abrange um amplo espaço geográfico que compreende as províncias do Uíge, Malanje e Cuanza-Norte. Acolhe mais de 280 fazendas pecuárias, repartidas pelo 12 municípios que compõem o Planalto de Camabatela.

A maioria destas fazendas encontra-se inactiva. As poucas que funcionam estão integradas numa associação que os titulares denominaram Cooplaca - Cooperativa do Planalto de Camabatela.

Os criadores lutam no sentido de obterem financiamento do Estado para as suas actividades e tratamento sanitário dos animais, entre outros propósitos.

O Planalto tem condições climáticas e de solos excelentes para a criação do gado bovino, e não só, que podem ser comparadas aos melhores parques de criação de gado no mundo.

Talvez por isso é que, na época colonial, a população bovina tivesse atingido em, 1974, a cifra de mais de 100 mil cabeças.

Agora, o Estado assume novamente o desafio de colocar mais cabeças de bovinos, numa primeira fase, para dinamizar os produtores.

Marcos Luís, um dos responsáveis do planalto, estima existirem mais de 18.000 cabeças de gado, predominantemente do tipo nelor, brama, cimental e gentia ou autóctone, para além de caprino, equino e aves diversas.

O Administrador Municipal de Camabatela, José Francisco Rank Franque, indicou existirem no seu território 73 fazendas operacionais e 25 inoperantes. Nelas, há 11.400 cabeças de gado, número que considera insuficiente para o arranque da produção e comercialização de carne bovina e seus derivados.

A escassa população bovina estará na base da não abertura do matadouro que foi construído e equipado com meios modernos. Ele foi construído a dois quilómetros da vila de Camabatela. O empreendimento tem uma capacidade de abate diária de 120 cabeças. Ainda no Município, foi construída uma dependência que serve de aglomeração e trânsito do gado, antes do seu abate.

Ora, deduzindo a população animal existente e a capacidade de abate, tinham de ser mortos 43.800 animais por ano, número de longe superior à população geral existente em todo o Planalto de Camabatela.

O planalto abrange um amplo espaço geográfico que compreende as províncias do Uíge, Malanje e Cuanza-Norte e acolhe mais de 280 fazendas pecuárias, repartidos entre os 12 municípios que compõem o Planalto de Camabatela

Para fazer funcionar o matadouro, foram recrutados e formados vários jovens, que aguardam pelo arranque do empreendimento. O matadouro garante até 75 postos de trabalho directos. O Governo Provincial do Cuanza-Norte aprovou recentemente o Plano de Desenvolvimento da Província Reajustado, que inclui o sector agropecuário como um dos eixos fundamentais. Prevê também políticas de busca de parcerias no estrangeiro, visando a transferência de conhecimentos e de potenciação financeira para o desenvolvimento de vários projectos ligados ao sector.

Essas iniciativas institucionais do Estado são aplaudidas. mas alguns entendeidos defendem a restituição ao Estado de fazendas inoperantes ou mesmo abandonadas. A entrega dos títulos de terras para a criação de gado seria antecedida da verificação do poder económico do candidato para a actividade pecuária. Na visão destes analistas, muitas parcelas entregues servem apenas de lugares de recreio dos seus proprietários, uma realidade que vai em contramão com os propósitos do Estado.

Inúmeros cidadãos possuidores destas parcelas não vivem ou acompanham a actividade diária da vida animal, limitam-se a receber relatórios dos seus trabalhadores, o que não basta para este exercício.

Para se atingir os propósitos de desenvolvimento agropecuários, há que se criar uma classe que se dedique somente à vida agrícola, ou seja, um empresariado agrícola forte financeiramente e afastado da dupla tarefa de governação ou política do exercício do empresariado deste ramo.

Assistência animal

A actividade pecuária requer conhecimento e acompanhamento permanente.

O veterinário, Marcos Luís, indica haver normas específicas para o transporte do gado de uma região para a outra assim como para a observação clínica permanente dos animais.

O desconhecimento destas e doutras normas por parte de muitos fazendeiros contribui, fundamentalmente, para a eclosão do surto de doenças e a improdutividade, assim como a morte no seio dos animais.

Uma questão que preocupa a classe veterinária é o facto de muitos criadores comprarem gado fora de Angola, sem a certificação do seu estado de saúde.

"Muito deste gado adquirido fora é doente. Quando é colocado junto dos outros, propaga doenças infectando outros", diz o veterinário.

Algum gado chega a Angola já velho e sem capacidade de reprodução.

O estatuto da Cooplaca exige que cada fazenda com mais de 50 cabeças deve contratar um técnico veterinário, para regularizar a assistência técnica.

Entretanto, as dificuldades financeiras que os fazendeiros enfrentam, segundo Marcos Luís, contribuem para o abrandamento da contratação dos referidos técnicos.

Alguma assistência para os incapazes é garantida por um médico veterinário e três técnicos médios desta Cooperativa do Planalto de Camabatela.

O tratamento é feito à base de penincilina, estreptomicina e esoxitetraciclina, encontradas a nível do Município de Camabatela, a partir da farmácia da própria Cooplaca.

Depois do fim do conflito armado, em 2002, vários foram os programas do Governo angolano de incentivo à reprodução bovina no Planalto de Camabatela, passando desde a cedência de fazendas a novos proprietários ao fornecimento de cabeça de gado. O planalto continua quase vazio e à espera do espírito empreendedor de mais angolanos.

Plano Estratégico do Turismo

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

A lagoa do Ngolome é outra atracção turística de grande relevo

As Rápidas do lucala são um bonito destino turístico

Centro Turístico do Quilombo é dos locais mais visitados de Ndalatando

Operadores turísticos querem investir

Governo do Cuanza-Norte tem um Plano Estratégico para o relançamento do sector

André Brandão

O Plano Estratégico Reajustado do Turismo do Governo da Província do Cuanza-Norte tem em destaque projectos para o relançamento e desenvolvimentodeste importante sector, atraindo outros serviços e cada vez mais investimentos.

Um total de 24 representantes de agências de viagens, operadores turísticos, seguradoras e outros empresários manifestaram o interesse em ajudar o Governo da Província do Cuanza-Norte a divulgar as imagens das principais áreas turísticas da província.

O Governo Provincial pretende dar apoio a qualquer empresa interessada em massificar o turismo na província, considerando que no Cuanza-Norte existem muitos pontos turísticos. O Monumento de Massangano, a Barragem de Cambambe, a Horta Botânica do Quilombo, as Grutas do Zanga e Cacolombolo, nos municípios de Cazengo e Lucala, as Rápidas do Lucala são apenas algumas das atracções turísticas da região.

O Vice-Governador Provincial do Cuanza-Norte para o Sector Económico, Henrique de Sousa, salientou há dias que o turismo no Cuanza-Norte faz parte dos eixos fundamentais de desenvolvimento da região, pelo que solicitou aos empresários e agências de turismo que ajudem o Governo Provincial a expandir este importante sector. Por sua vez, a presidente da Associação das Agências de Viagens e Operadores Turísticos de Angola (AAVOTA), Catarina de Oliveira, sublinhou que a AAVOTA tem de conhecer os pontos turísticos já desenvolvidos, as comunidades, os hábitos e costumes regionais, bem como a real situação das vias de acesso a esses locais para poder participar no esforço de arranque do turismo. Catarina de Oliveira afirmou que a Província do Cuanza-Norte tem pontos turísticos que vão desde a sua humilde e acolhedora população aos seus belíssimos postais turísticos que comportam rios, praias, lagos, flora, fauna e instalações hoteleiras e restaurantes, com muitas vantagens, sendo possível chegar a elas por via terrestre, ferroviária e até aérea.

O turismo no Cuanza-Norte faz parte dos eixos fundamentais de desolvimento da província, por isso urge a necessidade dos empresários e as agências de turismo ajudarem a expandir o sector

Em Ndalatando, a responsável aproveitou para negociar com os hotéis e restaurantes uma gama de serviços e aspectos relacionados com os preços praticados, factores fundamentais para o progresso desta actividade económica.

A beleza do Quilombo

O Centro Turístico do Quilombo está localizado a Sul da cidade de Ndalatando. Uma fileira de palmeiras plantadas lado a lado embeleza a fina estrada asfaltada que começa na esquina da Paróquia de São João Baptista da Igreja Católica e termina no Centro de Investigação Agronómica.

Os saltos dos esquilos e o chilrear dos pássaros acompanham a marcha das pessoas que seguem em busca do abundante oxigénio do Quilombo. Um limitado desvio dá acesso a dois tanques de piscicultura, que recebem a água do Muembeji, o rio que talha a meio a cidade de Ndalatando.

Um pouco mais a frente estão os espaços dedicados à experimentação e multiplicação das plantações do café. Aqui a viatura é obrigatoriamente impedida de entrar. O utente tem de pagar uma taxa de acesso. "Chefe, é para contribuir para o pagamento dos guardas", vem sempre sorridente o fiscal. Acesso livre. As palmeiras dão agora lugar a um conjunto de borracheiras que dão bastante sombra à estrada, deixando fina visão para a observação do edifício, agora requalificado, da escola que formava os regentes agrícolas que eram depois dispersados pelo território para o estudo e desenvolvimento das plantas. Ainda não se sabe se vai continuar ou não com o mesmo propósito, mas já está reabilitada.

A estrada continua a descer sempre curvilínea. Um conjunto de bambu, que protege o rio Muembeje, dá as boas-vindas a quem por ele passa. A abundante e altíssima canada-índia mantém-se perfilada até ao Centro de Experimentação. Aqui as plantas, principalmente ornamentais, estão organizadas em canteiros. A rosa de porcelana, eternamente cantada pelos homens das artes, encontra-se em maioria. Ninguém quer sair sem um "bouquet" de flores composto por rosas de porcelana, bicos de papagaio e outras.

É uma área extraordinária, na opinião do português Henrique Simões, um turista que o *Jornal de Angola* encontrou a saborear o aromático clima do Jardim Botânico do Quilombo. Henrique Simões considera ter o jardim um potencial para a oferta de condições de ecoturismo. "O Quilombo tem uma parte ecológica gratificante e é uma boa zona de lazer", diz Henrique, embora defenda que o local precisa de melhorias e arranjos dos espaços florais. "Creio que devia ter uma abertura mais para o lado do turismo, principalmente no que diz respeito à realização de visitas guiadas."

Governador José Maria

"Temos primado por um estilo de governação aberto e inclusivo"

Com o lema "O Renascer da Esperança", o Cuanza-Norte tem na agricultura, na exploração mineira e no turismo os eixos estratégicos do desenvolvimento. O Governador da Província, José Maria dos Santos, prima por uma governação aberta e inclusiva que tem permitido alcançar resultados positivos mesmo com pouco recursos.

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Domingos dos Santos

O Senhor Governador foi nomeado para o cargo há um ano e três meses. Qual é avaliação que faz da sua gestão?
Uma avaliação positiva. A nossa actuação tem incidido na mobilização de vontades e de acções. Temos imprimido um estilo de governação aberta e inclusiva, onde todos que têm alguma coisa a dizer ou a fazer têm espaço para afirmar a sua participação no processo de lançamento das bases essenciais que levarão a Província ao desenvolvimento sustentável.

Encontrou muito trabalho por fazer?
Há sempre muito trabalho para fazer. Logo no início de funções direccionámos toda a atenção para a elaboração do Programa de Desenvolvimento Estratégico Reajustado da Província, fixando-o num paradigma constituído por três eixos, nomeadamente: a Agricultura, massificação da produção agrícola familiar e industrial visando a arrecadação de excedentes para estímulo ao sector da agro-indústria, a Exploração Mineira e o Turismo, que comporta a componente rural, acoplando os aspectos histórico-culturais, pela riqueza histórica da Província, cheia de monumentos e sítios, contos, rituais e as incidências do tráfico de escravos pelo corredor do Kwanza e a componente religiosa, cujos símbolos datam do século XVI, sobretudo no Município de Cambambe, na velha cidade do Dondo e na Comuna de Massangano, só para citar estes exemplos.

Quais são as principais prioridades do seu Governo?
Sabemos o contexto em que se desenrola a governação nos últimos dois anos e meio. Está sujeita a uma crise financeira desde a segunda metade do ano 2014. Portanto, num ambiente de parcos recursos, a nossa intervenção tem sido de trabalho preparatório para passarmos à fase seguinte, que é a da produção em grande escala. Para isso, temos incentivado os camponeses individuais, familiares e os organizados em Cooperativas e em Associações, bem como ao empresariado, para se munirem das melhores técnicas e das melhores práticas com vista ao aumento da quantidade e qualidade da produção. Temos em carteira a constituição de brigadas de mecanização agrícola para a preparação de terras e campos agrícolas, com o fim de ajudar a alargar os campos de cultivo, poupando-se tempo e esforço aos camponeses. Por outro lado, interviemos directamente no melhoramento da imagem das cidades, vilas e bairros. Esta tarefa advém do melhoramento das vias de acesso, com a recuperação dos espaços verdes, jardins, e recintos polidesportivos, a pintura das habitações, o melhoramento do saneamento básico, o aumento da oferta de água potável e de energia eléctrica. Nestes dois últimos capítulos, há claramente hoje uma reconhecida expansão territorial no que concerne ao abastecimento destes dois factores essenciais da vida e, com isso, há mais cidadãos a consumir água em perfeitas condições de segurança em termos de saúde e a acederem à energia eléctrica, quer de iluminação pública quer domiciliária. Por outro lado, interviemos na organização e reforço institucional das dinâmicas sociais e comunitárias. Hoje, os cidadãos organizados detêm mais espaço para intervir e fazer valer os seus anseios, dentro dos padrões da legalidade e da linha governativa.

> *"Hoje há resultados palpáveis na Educação com a redução drástica do fenómeno criança fora do Sistema de Ensino"*

Quais são os resultados alcançados nos sectores da Educação e da Saúde?
Um dos resultados é que o Município de Ambaca vai ser a primeira zona do país a ser considerada fora do analfabetismo, com níveis abaixo dos quatro por cento. Estamos aí na ordem dos 1,7 por cento. Fizemos um diagnóstico mais amplo quanto possível de todos os sectores da vida do Cuanza-Norte. Com isto passámos a compreender as vantagens e as fraquezas. E com os respectivos agentes traçámos linhas de orientação precisas que visaram a capacidade de tirar o máximo proveito das vantagens e, em muitos casos, criar estímulos para o avanço e consolidação das capacidades instaladas. Examinámos as fraquezas e produzimos os paradigmas de correcção. Isto levou a que, no plano dos recursos humanos, levássemos a cabo a movimentação de quadros, num processo de reconversão e/ou substituição. Era necessário elevar o moral e estimular competências adormecidas. Hoje há resultados palpáveis, como um maior empenho na Educação, a redução drástica do fenómeno "crianças fora do sistema de ensino", redução drástica para fasquias residuais do analfabetismo, sendo que, para isso, mais crianças, jovens e até adultos foram absorvidos pelo sistema de ensino e aprendizagem. Ao mesmo tempo, acelerámos a conclusão de algumas infra-estruturas escolares, até então paralisadas, colocando-as ao serviço dos utentes. Ou seja, alargámos o parque escolar com o incremento de novas salas de aula. No sector da Saúde, com a incidência no melhoramento do saneamento básico, debelámos algumas doenças, cujos vectores são a acumulação de resíduos domésticos. Flexibilizámos o acesso aos cuidados de saúde, reorganizámos os serviços, mobilizando as unidades hospitalares, incluindo as de referência, como o Hospital Provincial Dr. António Agostinho Neto, em Ndalatando, que não tinha um sistema de água corrente, e motivámos o respectivo pessoal, a todos os níveis. Esta acção teve um efeito directo, que foi a redução da taxa de ocorrência de mortes intra-hospitalares. Em conclusão, com pouco ou quase nenhum dinheiro, conseguimos maximizar os resultados no sector da saúde, em benefício dos utentes, que são as populações.

Quais são as principais necessidades destes dois sectores?
Os sectores da Educação e da Saúde precisam sempre de mais investimento, em muitos casos em infra-estruturas e, no que é mesmo mais decisivo para nós, na problemática dos recursos humanos, para que se dimensionem e adaptem os serviços e a respectiva prestação aos utentes ao nível da procura, que está sempre sujeita à pressão demográfica. Há sempre mais crianças a ingressar no sistema de Ensino e mais cidadãos a precisar de cuidados de saúde. Tivemos, ao mesmo tempo, de massificar os mecanismos de sensibilização e educação das populações nas comunidades para atitudes pro-activas face às dinâmicas que nelas se geram, como a partici-

PERFIL

JOSÉ MARIA FERRAZ DOS SANTOS

Formação
Licenciatura em Direito na Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto

Funções Exercidas
Deputado à Assembleia do Povo, dirigente da JMPLA, coordenador da Organização-Não Governamental "Causa Solidária", conselheiro do Presidente da República, vice-governador do Cuando-Cubango e governador da província de Luanda

Os projectos no domínio das pescas começam a dar bons resultados

As Pescas são também uma prioridade?
As pescas constituem uma das prioridades cimeiras da promoção do desenvolvimento da Província. Existe uma significativa comunidade piscatória em Cambambe e este Município conta com dois centros de apoio ao fomento da piscicultura, nomeadamente, os centros de larvicultura de Mucoso e o de Ngolome, aliadas ao optimismo dos pequenos empresários, que acreditam nas vantagens empresariais do sector das pescas. É um sector que pelas suas potencialidades ajudará, com certeza, ao combate à pobreza e vai fomentar a produção de riqueza no seio das famílias. Assistimos, há alguns dias, aos resultados da actividade aquícola no Município de Cambambe, onde foi posta, no circuito de comercialização e consumo, imensa quantidade de peixe cacusso.

Quais são os programas que o Governo do Cuanza-Norte tem para alavancar o Turismo?
O Turismo é outro pilar eleito para o desenvolvimento do Cuanza-Norte. O Governo Provincial está a fazer o trabalho de casa, ou seja, tem o POT, o Programa Operativo do Turismo e com ele já começou a recensear as potenciais zonas turísticas que são muitas e promissoras. O Governo fixou a sua intervenção inicial no Município de Cambambe, pelas suas características socio-históricas e culturais. Orientou as áreas que intervêm na organização e fomento do sector a elaborarem um roteiro turístico de cariz informativo completo. Vai ser elaborado um portfólio sobre o Turismo na Província que vai ajudar a promover os monumentos e sítios. A história, a cultura, a gastronomia, etc. Por outro lado, vamos organizar feiras temáticas municipais para promover a floricultura, a gastronomia, os usos e costumes, as paisagens naturais, bem como as oportunidades de negócio no Sector do Turismo.

Como está a execução do Programa Nacional de Urbanismo e Habitação com a construção dos 200 fogos por cada município?
O Programa de Construção dos 200 Fogos está concluído na maior parte das sedes municipais. Na maior parte dos casos já devidamente habitados, apetrechados com os serviços sociais básicos, com água canalizada e energia eléctrica. Este programa não chega, entretanto, para dar resposta às necessidades habitacionais das populações. Estamos à espera do lançamento da primeira pedra da edificação da Centralidade de Ndalatando. A nossa cidade é das poucas do país em que não foi edificada qualquer Centralidade e o povo espera ansioso pela construção desta infra-estrutura social para assim atenuarmos a pressão da procura da casa própria e condigna.

Quais são os programas existentes para a juventude e para a mulher rural?
Para a juventude estão em curso vários programas que visam o despontar do empreendedorismo. O programa Projovem visa financiar projectos de jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos nas áreas da hotelaria e turismo, a agropecuária, serviços e inovação no sector das tecnologias de informação e, ainda, de pequenas indústrias como panificadoras, serralharia, etc. É gerido pelo Banco de Comércio e Indústria (BCI) e, uma vez que os jovens manifestem interesse, podem encontrar aconselhamento no banco ou ainda no INAPEM, sobretudo na questão da certificação de empresas e treinamento técnico. Entretanto, dentro do reforço institucional, privilegiamos a relação com associações organizadas, dando segurança e conforto, por exemplo, à associação de motoqueiros, que recebem formação e competências direccionadas para uma condução regrada, a legalização da actividade e das respectivas motos. Relativamente à mulher rural, o princípio geral seguido é do esbatimento de quaisquer formas de discriminação no género, permitindo à mulher, de um modo geral, o acesso às oportunidades em igualdade de circunstâncias que os homens. No contexto rural, estamos a incentivar a adesão a programas como a "Horta Familiar", que incide na constituição de Cooperativas Agrícolas e o projecto "Agricultura Familiar", que é uma das componentes da arquitectura do desenvolvimento da Província, com a massificação da agricultura para criar excedentes para que as famílias comecem a criar riqueza pela transacção dos bens produzidos.

A indústria no Cuanza-Norte começa a ressurgir?
De algum modo, a indústria nesta Província começa a ressurgir. Há sinais optimistas no Município de Cambambe com a reactivação da indústria têxtil, por exemplo. Sabemos da vitalidade da Cervejeira EKA. Cambambe é o berço da barragem do mesmo nome. Há outros projectos no ramo da indústria transformadora, de dendém em óleo de palma, de mandioca em fuba e farinha, na aquicultura - há produção de alevinos para a produção da tilápia, do cacusso. Estamos a criar Pólos Industriais para o fomento de indústrias, além de Cambambe, também no Município de Lucala, onde já se regista a implantação da fábrica de materiais de plásticos e está em edificação a fábrica de tintas, etc. Em Ndalatando há a produção de águas e no Golungo Alto a fábrica de óleo de palma. Assinalemos que, como factor de sustentação industrial, esta Província beneficia de fornecimento de energia eléctrica de modo permanente. É um fornecimento estável, não sujeito a cortes constantes e de boa qualidade. Em resumo, temos factores de excelência para acolher projectos fiáveis do sector da agro-indústria, pela abundância de energia eléctrica e de água, e ainda a mão-de-obra jovem e entusiasta, que não se cansa na busca de qualificação e conhecimento.

pação regular em campanhas direccionadas de limpeza, o uso do mosquiteiro, na luta contra o paludismo, as práticas higiénicas de forma a diminuirmos a incidência de doenças diarréicas e práticas responsáveis que visam a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, etc.

O Cuanza-Norte possui uma das principais barragens do país , que é Cambambe, que fornece energia a Luanda. A Província não tem problemas de energia eléctrica?
O Cuanza-Norte está a fazer o melhor aproveitamento possível deste bem essencial da vida moderna. Temos seis das 10 sedes municipais com iluminação eléctrica proveniente do sistema combinado das barragens do Médio Kwanza. Neste momento, estamos a construir as linhas de transporte para as sedes municipais de Quiculungo e depois para Banga e Bolongongo. Nos municípios que já dispõem de energia eléctrica, começámos por intervir e a melhorar as redes de distribuição nas cidades e vilas. Com isso, temos sistemas de iluminação pública mais eficazes e estamos a alargar o acesso aos domicílios. Por outro lado, a nossa orientação é expandir, cada vez mais, o consumo para territórios mais afastados, para as periferias. Esta é uma orientação baixada às Administrações Municipais e é uma meta que está a ser alcançada paulatinamente. Basta vermos hoje a cidade de Ndalatando e os seus bairros periféricos. Ndalatando é das cidades mais iluminadas, salvem-se as comparações em termos de dimensão. É um exemplo que está a ser expandido para as outras sedes municipais, vilas e bairros.

"Temos seis das dez sede municipais com iluminação eléctrica proveniente do sistema combinado das barragens do Médio Kwanza"

Como está o abastecimento de água?
Como sublinhei, procedemos à expansão do consumo de água potável pela acção de recuperação de sistemas de captação, tratamento e distribuição de água até há pouco tempo inoperantes por avarias diversas. Recuperámos chafarizes e a água voltou a jorrar em várias localidades de toda a Província. Portanto, neste capítulo, que é aliás uma das grandes apostas da nossa acção, consubstanciada na melhoria constante da qualidade de vida das populações, temos a registar ganhos relevantes. Entretanto, não vamos cruzar os braços. Pelo contrário, vamos aproveitar o alento e continuar a levar estes e outros serviços sociais às nossas populações.

As estradas continuam a ser um problema?
As estradas constituem um verdadeiro "calcanhar de aquiles" para o alavancar simétrico do desenvolvimento das nossas localidades. As ligações com os municípios do norte da Província estão muito condicionadas ao factor "mau estado das estradas". Se, por um lado, os municípios de Cazengo, Golungo Alto, Cambambe, Lucala, Samba Cajú e Ambaca têm as estradas de ligação asfaltadas e em boas condições de transitabilidade, as populações dos municípios de Ngonguembo, Banga, Quiculungo e Bolongongo sofrem os efeitos de uma circulação rodoviária deficiente ou mesmo sofrida, com impacto negativo sobre os programas a eles afectos e sobre as suas aspirações de desenvolvimento. No início do nosso mandato, dentro das limitações financeiras actuais, procurámos reparar os acessos às grandes zonas de cultivo em Cambambe, Lucala, Cazengo e Ambaca. Foram intervenções em terraplanagem, que continuam a ser feitas e que de alguma maneira têm aproximado as zonas de produção aos centros de consumo. Mas esta acção não atingiu a dimensão desejada. É preciso muito mais. Mas, como disse, condicionados pela falta de meios financeiros, não podemos fazê-lo na amplitude desejada e com a rapidez que se impõe. Mesmo assim, algumas acções vão sendo levadas a cabo e alguns acessos vão sendo desobstruídos. Com isso, vamos colhendo ganhos significativos e nesta medida vamos alterando, sobremaneira, a qualidade de vida das populações.

Esta Província é potencialmente agrícola. Quais são os resultados na produção agrícola?
A agricultura é, como disse, um dos três factores essenciais recenseados no Programa de Desenvolvimento da Província. Há bons resultados na agricultura familiar, cooperativas e de cariz associativo. Queremos dar maior força à agricultura empresarial. Para isso, o Governo assegura as condições ideais e o total apoio. O Programa de Desenvolvimento Estratégico Reajustado inscreveu o projecto de estabelecimento de grandes fazendas de produção intensiva para sustentar a futura agro-indústria. Temos água abundante dos caudais constantes dos rios, energia eléctrica estável e a disponibilidade de terras para investimentos no domínio da agricultura, desde que apareçam projectos sólidos e credíveis. Deixe-me sublinhar, entretanto, o sucesso do cultivo da mandioca, que vai já acumulando algum excedente. Isto demonstra o entusiasmo dos produtores, a par das condições ideais de produção deste elemento essencial da dieta das nossas famílias.

Como está o repovoamento animal do Planalto de Camabatela?
Quanto à problemática do repovoamento animal do Planalto de Camabatela, devo dizer que é da tutela do Ministério da Agricultura, que procedeu ao levantamento das necessidades de todo processo e o programa está em curso.

Os matadouros que foram construídos há alguns anos já começaram a ser explorados?
A exploração do grande matadouro de Camabatela espera por melhores dias. É preciso que se registe uma produção aceitável, que deverá acomodar as capacidades de abate e produção de carne.

Números reais

1,7 Por cento de analfabetismo

4 Mil crianças sem estudar

6 Dos dez municípios têm energia

Um passado de lutas e conquistas

Histórias de Massangano que o tempo não apaga

Paulo Dias de Novais só em 1583 se fixou na povoação depois de sucessivos confrontos com os soberanos africanos apoiados pela população e para comemorar a vitória portuguesa mandou construir uma igreja dedicada à Nossa Senhora de Vitória

Manuel Fontoura

A implantação e a consolidação do sistema colonial pelo interior de Angola, sobretudo entre os séculos XVI e XVII, tiveram como premissa a captura de escravos. Os portugueses tornaram extensivo o tráfico a sul do então Reino do Kongo, atingindo o Reino do Ndongo.

O rio Kwanza tornara-se o principal eixo de penetração colonial para o interior de Angola. Na zona ribeirinha, inicialmente ocupada pela população africana, foram fixados vários núcleos coloniais fortificados, que permitiram manter uma sólida rede de presídios e o controlo das feiras da população africana, articulando-as (para o seu interesse) com a rede de tráfico atlântico.

O avanço de pombeiros e funantes em direcção às feiras africanas permitiu a fixação da população europeia e a criação dos presídios de Massangano (1583), Cambambe (1602), Dondo (1583) e Muxima (1589), entre outros.

Inicialmente, a comunicação e o transporte de mercadoria eram garantidos por caravanas, sustentadas depois pela fluvial e, só mais tarde, pelo caminho-de-ferro. Apesar de ser nítida a presença de uma herança de origem ou influência colonial portuguesa, constituída basicamente por fortes, igrejas e casas de comércio, não passa despercebido um outro manancial ligado à cultura material e imaterial dos povos que se fixaram e movimentaram nesta região desde épocas muito recuadas.

Alias, até mesmo aqueles monumentos ligados à presença ou à administração portuguesa, por ironia da história, hoje representam a tenaz e heróica resistência dos soberanos e da população autóctone, ao implante do regime colonial: Ngola Kiluanji, Nzinga Mbandi, Ngola Mbandi, Soba Kambambi e outros são apenas alguns nomes que permitem recordar a tenacidade dos soberanos e da população em diferentes períodos e circunstâncias.

As fortalezas, igrejas e casas de comércio associam-se a um dos mais antigos empreendimentos. A antiga fábrica de fundição de ferro de Nova Oeiras que, embora deslocada da zona ribeirinha do Kwanza é, sem dúvidas, um valioso património histórico e arqueológico/industrial. A preservação, conservação e valorização desse património é sem dúvidas a melhor forma de homenagear essas figuras e de garantir a identidade cultural nacional.

Dondo

A velha cidade do Dondo, sede do Município de Cambambe, está situada a cerca de 200 quilómetros de Luanda, posicionando-se na margem direita do Kwanza e bem perto do limite do curso navegável do rio. Foi elevada a essa categoria a 29 de Maio de 1973.

Reza a história que Paulo Dias de Novais foi parar lá por volta de 1583, quando iniciava a sua caminhada através das águas do Kwanza, ao subir rumo à descoberta das lendárias minas de prata de Cambambe e de uma famosa feira (Dondo), que, na época, já ocupava um espaço vital para a economia dos mbundos, assim como para a população dos territórios vizinhos.

O centro histórico da cidade do Dondo, classificado em 2013, integra edificações dos séculos XVII, XIX e XX, com características da sua principal actividade no passado

O Dondo que nasceu sob o signo do comércio tornar-se-ia uma das mais belas estruturas urbanas de toda Angola nos séculos XVIII e XIX. O casario, construído essencialmente de pedra, barro e cal, ficou entre seculares e frondosas árvores (acácias rubras), em passeios feitos de laje e as suas praças iluminadas por candeeiros de cobre e belos efeitos escultóricos. Predominavam e ainda subsistem as típicas casas térreas e sobrados com telhados de cerâmica portuguesa (algumas substituídas por chapas de zinco onduladas).

Destacam-se do seu aglomerado o edifício da antiga câmara municipal, o mercado municipal, o emblemático edifício como as ruínas do antigo Hotel Kwanza, a Casa Leão, a correnteza de casas típicas da rua da Kapakala, a graciosa estação do caminho-de-ferro, o cemitério à porta da vila, o sitio de embarcação, o hospital e tantos outros.

O Centro Histórico da cidade do Dondo, classificado em 2013, integra edificações do século XVII, XIX e XX, com características da sua principal actividade no passado. O casario foi construído essencialmente de pedra, barro e cal, o qual não podemos divisar hoje, as típicas casas térreas e alguns sobrados que se encontram entre as velhas e frondosas acácias que lhe dão uma beleza invulgar.

O Dondo constitui ainda hoje um património edificado e paisagístico de grande importância no contexto nacional. O seu

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Ruínas da antiga fortaleza de Massangano

Massangano foi a capital da então Colónia de Angola na altura em que Luanda foi ocupada pelos holandeses

Estudos estão a ser feitos para melhor conhecer Massangano

potencial arquitectónico coincide com a beleza extraordinária da paisagem natural.

Massangano

Só depois de sucessivos confrontos com os soberanos africanos, apoiados pela sua população, pôde Paulo Dias de Novais, em 1583, fixar-se em Massangano.

Para comemorar a vitória lusitana, Paulo Dias de Novais mandou construir uma igreja dedicada à Nossa Senhora de Vitória. Masanganu (que significa zona de confluência de rios) passara a chamar-se "Vitória" em regozijo pela sua posição vantajosa em relação às autoridades africanas que não aceitaram a ocupação pacífica do território. Vitória corresponderia então a um voto cumprido.

Luís Serrão deu continuidade ao projecto de colonização em Massangano, depois da morte de Paulo Dias de Novais em 1589. A capital da então colónia de Angola, acabaria por ser transferida para Massangano no período em que Luanda fora ocupada pelos holandeses (1641-1648).

Os portugueses refugiaram-se em Masangano por sete anos e a tornaram seu baluarte. As autoridades coloniais e eclesiásticas da época tornaram ainda Masangano no "empório da fé cristã."

Além da igreja, foi construída uma fortaleza sob a mesma invocação, assim como várias outras construções, permitindo a povoação primitiva ganhar o foral de vila. A generalidade dessas construções, tais como, câmara municipal, tribunal, cadeias, casa do governador, porto, Igreja da Misericórdia, Mercado dos Escravos e outros chegaram aos nossos dias já em ruínas. Mas, mesmo assim, não deixam de representar um rico espólio a preservar e valorizar no contexto do património cultural angolano.

Cambambe

As histórias e os murmúrios sobre as fabulosas minas de prata a montante do rio Kwanza para lá da Muxima e Massangano estimularam o envio de expedições em demanda a Cambambe.

Manuel Cerveira Pereira ao ter sido investido da responsabilidade das explorações iniciais nada encontrou. Persistia, porém, a fama das minas de boca em boca até ao litoral, e deste através das caravelas até às cortes de Lisboa e Madrid. Insistindo, Cerveira Pereira enfrentou a resistência colocada pelo soba Kafuxi e abre caminho à grande expedição que somente em 1602 alcançaria Cambambe. Em 1604, exploradas as colinas e outeiros sobranceiros ao rio Kwanza, foi fundada a fortaleza para garantir segurança ao presídio ali criado. Baltazar Rebelo terá sido o grande impulsionador para a sua construção.

Seguiu-se a construção de uma igreja dedicada à Nossa Senhora de Rosário em 1991, no interior do recinto da fortificação, assim como outras edificações na sua parte exterior destinadas ao armazenamento, administração, paços municipal, açougue, cadeias e outras. Cambambe acabara em decadência em virtude da mudança do conselho para o Dondo.

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Muitos são os turistas visitam aquele local imporrtante da nossa história

Datas históricas de Massangano

1583 Conquista de Massangano

1602 A expedição chega a Cambambe

1991 Construção da Igreja do Rosário

O historial de Nova Oeiras

O historial da Nova Oeiras está intrinsecamente ligado à produção de ferro, a partir da exploração e prática dos mineiros africanos do Luinha, tema muito caro do então governador Sousa Coutinho que foi o grande impulsionador da construção naquele local de uma fábrica de fundição de ferro a partir de 1765.

O processo inicial era de fundição e forja, inicialmente, por ferreiros recrutados no interior e habilitados a praticar. Não tardou fazer acontecer a abertura da Real Fábrica de Ferro, situada na confluência entre os rios Lucala e Luinha, tendo as obras iniciado em 1768 e sido concluídas em 1772.

O nome dado à fábrica também foi dado à povoação que era formada sobretudo pela mão-de-obra aplicada. Além dessa fábrica, existiam no local edifícios públicos, igrejas, feitoria e outras que compunham a vila que Sousa Coutinho passou a denominar de Nova Oeiras que acabariam por desaparecer depois de a fábrica tornar-se inactiva.

As ruínas da Real Fábrica de ferro estão hoje envolvidas numa floresta. Porém, restam muitos vestígios desse antigo empreendimento, dois longos troços de um dique e o aqueduto que permitiam funcionar o sistema mecânico e hidráulico, assim como o velho forno de fundição.

O resto acabou por desaparecer. Em 1925, as ruínas foram revisitadas e classificadas como património cultural nacional. Em 1972, começaram os trabalhos de conservação e consolidação para manter as ruínas, facto que continua até os dias actuais.

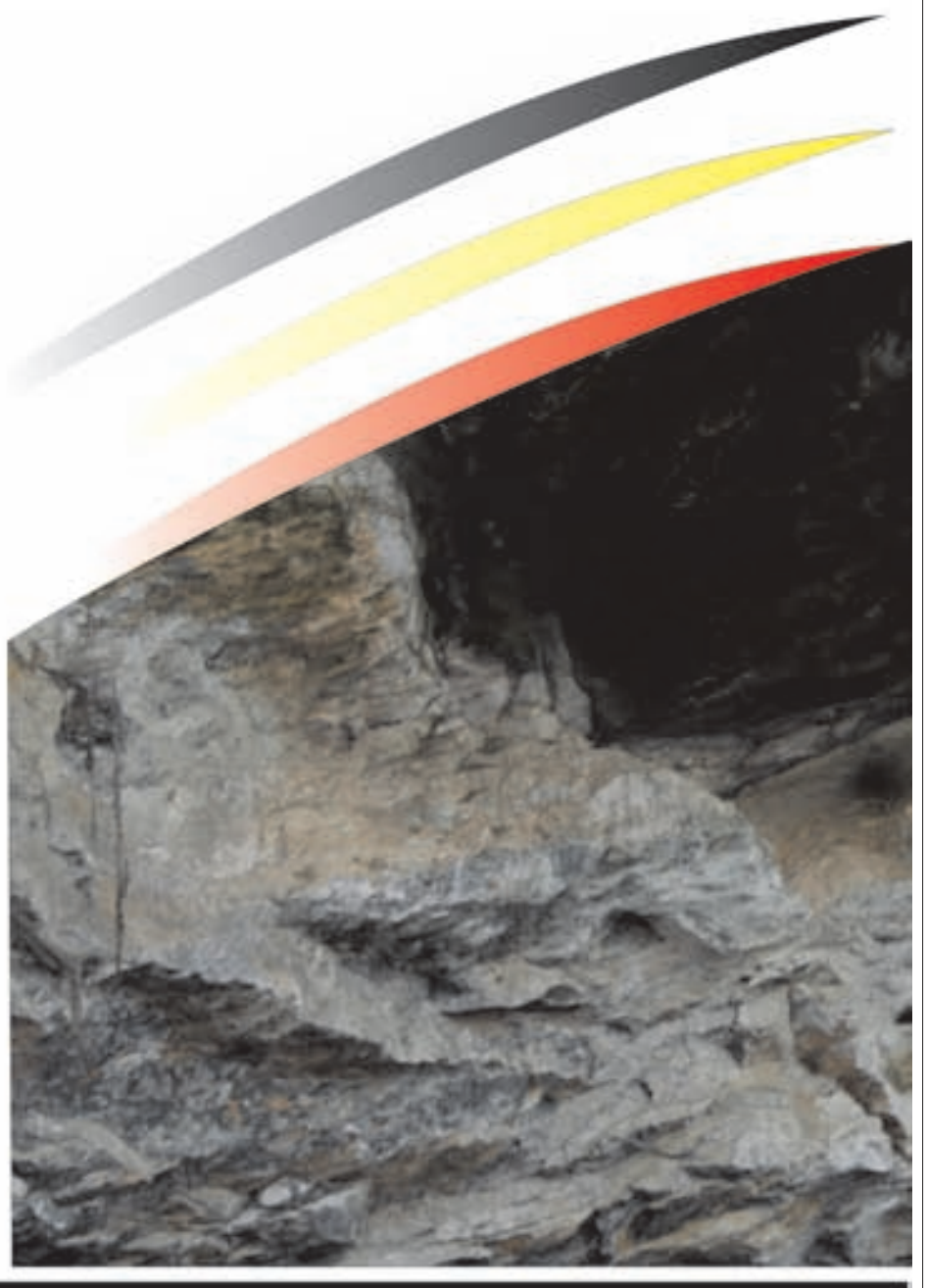
GOVERNO DE ANGOLA

Governo da província do Cuanza-Norte

Direcção Provincial do Comércio e Hotelaria e Turismo

O Plano estratégico reajustado do Turismo do governo da província do Cuanza-Norte identificou mais de 30 áreas para relançar e desenvolver este importante sector na sua verdadeira essência, atraindo outros serviços e cada vez mais investimentos.

O centro turístico do Quilombo, localizado à Sul da cidade de Ndalatando, constitui um dos principais pontos turístico é uma fileira de palmeiras plantadas lado a lado que embeleza a fina estrada asfaltada, que começa na esquina da paróquia São João Baptista da Igreja Católica e termina no Centro de Investigação Agronómica.



Os saltos dos esquilos e o chilrear dos pássaros acompanham a marcha das pessoas que seguem em busca do abundante oxigénio do Quilombo. Um limitado desvio da acesso a dois tanques de piscicultura, que recebe a água do Muembeji, o rio que talha a meio a cidade de Ndalatando. Um pouco mais para frente estão os espaços dedicados a experimentação e multiplicação das plantações do café.

A visão da Direcção do Comércio e Hotelaria e Turismo é desenvolver o sector focado no aumento da hospedagem, restauração das infra-estruturas e qualidade de serviço prestado.

Para o efeito deve haver competitividade entre os operadores e a introdução de novas ideias criativas, para o melhoramento dos serviços turísticos bem como para a obtenção de lucros e reduzir os custos.

Crescimento desordenado

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Viver nestes sítios requer cuidados redobrados

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Muitos Moradores solicitaram terrenos em áreas mais seguras para construírem as casas

Novos bairros surgem nos morros de Ndalantando

Por falta de condições financeiras para adquirir terrenos em áreas mais seguras, muitos cidadãos são obrigados a escavar parte das montanhas para construirem as suas casas

Manuel Fontoura

Centenas de moradores que se encontram a viver em zonas montanhosas nas imediações dos bairros da Comarca, Imbondeiros e Sassa, arredores da cidade de Ndalatando, pediram aos órgãos do Governo da Província do Cuanza-Norte terrenos em áreas mais seguras para fixarem as suas residências.

Numa ronda der reportagem a esses locais é possível notar o grau de dificuldades que os moradores das zonhas montanhosas enfrentam.

Por falta de condições financeiras para adquirirem terrenos em áreas mais seguras, muitas pessoas escavaram as montanhas com o intuito de construírem residências familiares, algumas localizadas em sítios muito altos.

Apesar de estarem a viver todos os dias no sobe e desce, a única coisa que agora preocupa Margarida João dos Santos, de 26 anos de idade, moradora das montanhas do Bairro da Comarca, é o facto de o bairro não dispor de água potável perto do local, porque a "questão habitação" foi já ultrapassada, depois de construir há mais de três anos a sua casa feita de material precário onde vive com os três filhos.

Os três compartimentos mais ou menos folgados, que se encaixam na modéstia da casa, não quebraram a expectativa e Margarida dos Santos e ela orgulha-se disso.

"A minha família e eu vivíamos antes numa casa alugada num outro bairro, e era difícil pagar todos os meses a renda. Era um problema e por isso decidimos construir aqui mesmo, não sendo uma área segura". Margarida João dos Santos conta que, durante a estadia na casa de aluguer, cerca de quatro anos, ela, o esposo e os filhos passaram por momentos difíceis.

"Deixar o bairro onde crescemos para outro estranho foi difícil. Por outro lado, não podíamos mudar nada na casa", confessou a jovem mulher, deixando transparecer um ar de alívio.

Para chegar as casas situadas no morro tem que ter peito. Não é fácil transportar baldes, banheiras e bidões de água à cabeça e percorrer quatro quilómetros desde o local onde acarreta a água até a casa

Para ela, viver neste novo lugar requer cuidados redobrados, principalmente para com as crianças, e ela conta que há alguns meses a sua filha de três anos de idade caiu de uma altura de quase três metros e fracturou o braço, mas que agora está a passar bem.

A reportagem do *Jornal de Angola* foi recebida com alegria pelos moradores, muitos dos quais perguntavam se eramos do Governo e se estávamos ali para cadastrá-los no sentido de os realojar em áreas mais seguras. A equipa do *Jornal de Angola* prontamente explicou o porquê da sua presença no local e os moradores decidiram colaborar.

Pedro da Fonseca Sobral, de 75 anos, pedreiro aposentado e pai de cinco filhos, predispôs-se a apresentar o bairro à nossa reportagem. Os vizinhos que se aperceberam da nossa presença, apreciaram o diálogo com bastante atenção. Tal como Margarida dos Santos, Pedro da Fonseca Sobral, Teresa Rafael e Benjamim António, apesar de satisfeitos com a vida que levam naquele bairro, estão preocupados porque o bairro não tem ruas para além de becos, as casas são na sua maioria de carácter precário e não há água canalizada no bairro.

Em muitos pontos já se contam desníveis que não tarda vão tornar-se autênticos buracos para piorar a situação. Para chegar até às casas situadas no morro tem que haver esforço. Não é fácil transportar baldes, banheiras e bidões de água à cabeça a uma distância de quatro quilómetros do local onde se encontra o precioso líquido.

Outro problema, segundo os moradores, tem a ver com o transporte de mercadorias de baixo do morro para as residências.

As dificuldades para construir

Fazer chegar à montanha os materiais de construção das casas, o cimento, ferrs, areia, blocos e outros artigos, é complicado. Para isso, o morador paga 250 kwanzas por cada saco de cimento transportado à cabeça de um roboteiro, 50 kwanzas por bloco e cerca de 50 mil kwanzas a carrada de areia. Estes gastos seriam evitados caso a construção fosse feita pelas pessoas numa área com acesso privilegiado.

Os pequenos espaços vagos, que podem ser aproveitados para os quintais, estão desaproveitados porque as casas não têm vedação. Sobre eles assentam papéis, sacos, papelão, latas e garrafas que vagueiam pelos becos apertados. Não escapa o lixo doméstico, porque não há meios para o tirar da montanha.

Sexta-feira
14 de Julho de 2017

Antigas Profissões

O valor e a persistência dos pequenos ofícios

A falta de crédito bancário às pequenas e médias empresas é uma das causas da fraca produção das várias profissões desenvolvidas na cooperativa Marien Nguabi

Manuel Fontoura

Pequena mais com vários ofícios, a cooperativa Marien Nguabi, situada na Rua Direita de Ndalatando, tem alfaiates, artesãos, sapateiros, barbeiros, técnicos de informática e rádio. São homens que dedicam as suas vidas a essas profissões para o sustento das famílias. A falta de crédito bancário às pequenas e médias empresas é uma das causas da fraca produção das várias profissões desenvolvidas na cooperativa.

"Vontade de fazermos mais não nos falta, mas não temos por onde começar. O material que temos é insuficiente e adquirido com muito esforço", lamentou o sapateiro Infeliz João José.

De 62 anos, Infeliz José iniciou a sua profissão em 1974 e filiou-se ao grupo em 1976. Tem 12 filhos e vive do trabalho que faz. Explica que há anos, a sua cooperativa vem solicitando crédito dos bancos, mas até agora esse esforço foi inútil. "Pretendemos pelo menos 10 mil dólares. Caso o dinheiro seja disponibilizado, deixaria apenas de consertar sapatos e passaria a fabricar também", disse.

Segundo ele, a falta de valores, impossibilita a compra de solas secas e de borracha, capas de homem e mulher, cabedal com diferentes cores e qualidades, fivelas, botões rápidos, vazadores, ilhoses, armas de ferro, fresa, pé-de-ferro e furadores para os cintos, bem como protectores de sapatos.

Para Jerónimo Sebastião, outro sapateiro de 65 anos e pai de oito filhos, o material é na sua maioria adquirido em Luanda e os preços variam entre quatro mil kwanzas, a caixa de fivelas de calçado composta por 400 unidades, e 45 mil kwanzas, o custo de cerca de dois metros de cabedal e material para a feitura de solas. Explica que tais materiais custam o dobro do preço em Ndalatando.

Apesar das dificuldades, que vão desde a falta de matéria-prima e condições de trabalho, dívidas dos clientes, os cinco mestres da sapataria conseguem coser, colar, colocar novas solas ou mesmo furar um cinto.

A aplicação de solas secas custa actualmente 500 kwanzas e a sola de borracha, 2.000. A costura varia entre 500 a 900 kwanzas. Já a colocação de fivela, botão rápido e ilhose, custa 250 kwanzas.

Desde a abertura da sapataria, as únicas máquinas com que trabalham são as de pedal que servem para coser os sapatos. Hoje estão avariadas e a solução é a substituição. Pelo reduzido número de clientes, os ganhos diários vão de 5.000 a 8.000 kwanzas, por vezes até menos. Os profissionais disseram à reportagem do Jornal de Angola, que a arte pode desaparecer. Os jovens desprezam a mesma e consideram-na uma profissão para os velhos e deficientes.

Aprender a profissão requer algum dom, gosto e paciência e os bons resultados passam pelo manuseamento da máquina de costura, montar e desmontar, o corte perfeito e a costura

"Eles querem apenas ter dinheiro o mais rápido possível, não gostam de aprender nenhum ofício e não suportam esperar o salário no fim do mês", disse um sapateiro de profissão. Por outro lado, há aqueles que não se dão ao trabalho de remendar um sapato ou colocar uma nova sola, tendo como preferência a compra de outro novo.

Uma vida de costura

A secção de alfaiataria tem apenas cinco profissionais. O mestre João Tambi é o mais velho de todos. Tem 72 anos, quase todos dedicados à costura de roupas. Apesar da idade, as mãos e os pés ainda estão à altura das exigências da máquina de costura. O mais velho pouco fala, mas faz questão de dizer que trabalha como costureiro, desde o tempo colonial.

Celestino Tito já foi mais receptivo. Com 50 anos, o costureiro disse que aprendeu a profissão desde a sua adolescência no município do Quiculungo e trabalhava por conta própria e o rendimento era maior. Satisfeito com a profissão que escolheu, Celestino Tito dá graças porque hoje tem uma casa e os filhos estão na escola.

Aprender a profissão, como disse, é preciso algum dom, gostar e ter muita paciência. Os bons resultados passam pelo manuseamento da máquina de costura, montar e desmontar, o corte perfeito e a costura. A máquina, a tesoura, lâmina, agulhas, bobines, canelas, o giz e esferográfica são os instrumentos indispensáveis para costurar ou remendar um calção, uma calça ou um vestido.

Celestino Tito trabalha com uma máquina manual. A preferência é a eléctrica que possibilita os bordados. E também por uma questão de segurança. E quando falta o giz para marcar o tecido, usa o sabão. "Os apoios são bem-vindos", disse.

A procura pelos serviços de alfaiataria é pouca. Por dia, Celestino Tito pode receber quatro pedidos e levar para casa dois mil kwanzas. A época do Carnaval

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Mestre Tambi tem dedicado os seus 72 anos de vida à costura de roupas

Mbambi Sebastião aprendeu a profissão de marceneiro na República Democrática do Congo

Sapateiros lamentam a falta de material que é adquirido com muito esforço

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Jovens encontraram na serralharia a sua vocação

é a mais afortunada. Todos procuram um traje para desfilar.

Viver do artesanato

Mbambi Sebastião tem 34 anos e não teve oportunidades para ter uma formação académica sólida que lhe permitisse um emprego na função pública. Aos 17 anos o jovem natural do município da Damba, na província do Uíge, começou a aprender o artesanato na República Democrática do Congo em 1999, onde teve como mestres cidadãos da República Centro Africana, que também tinham ido para lá à procura de tranquilidade e oportunidades de negócio na terra de Patrice Lumumba.

Depois de apto para o ofício, regressou a Angola em 2006 e fixou residência em Luanda onde as dificuldades de adaptação às formas de angariação de receitas, para o sustento eram imensas. Optou por instalar-se na cidade de Ndalatando onde reside desde 2009 e criou uma pequena oficina, onde com o seu ajudante fabricam mobílias, artefactos para adornos de residências e outros equipamentos à base de junco e makoko, tiras de paus flexíveis para formar e atar as molduras dos equipamentos.

Na sua pequena oficina de artesanato, Mbambi Sebastião faz cadeirões, bancos, candeeiros eléctricos, baús, livreiros, fruteiras, alcofas, berços bem como outros mobiliários e artefactos. Para a confecção dos mesmos usa além do junco e do makoko, a esponja de espuma, madeira, pregos, tecidos, vernizes, cola e tinta para colorir os mesmos.

Lamentou a falta de clientes e espaços de vendas na região como principais factores que concorrem para que a pequena oficina não evolua para uma micro ou pequena empresa e que tenha mais rendimentos para melhorar a sua condição de vida. Ele tem mulher, três filhos e vive numa residência arrendada.

Revelou que as receitas que arrecada mensalmente não são suficientes para a cobertura das necessidades básicas da família e há meses que o que vende não chega a totalizar 50 mil kwanzas por isso não consegue fazer poupanças para poder investir futuramente para o crescimento da actividade que desenvolve.

"Continuamos persistentes nesta actividade porque é o nosso único ganha-pão". Recebeu um kit de ferramentas da direcção provincial da assistência e reinserção social. Mas ainda assim, necessitamos de mais apoios dos bancos, pessoas singulares e colectivas para elevar o nível da sua produção e conquistar mais mercados, clientes e rentabilizar ainda mais o seu negócio.

Para o fabrico dos mobiliários e outros artefactos, Mbambi Sebastião adquire as principais matérias-primas, o junco e o makoko, nos municípios de Ambaca, Bolongongo e Quiculungo. Vende o jogo de cadeirões feitos de junco e makoko a um preço que varia entre 40 mil e 50 mil kwanzas, as cadeiras de madeira, esponja de espuma e tecido a 70 mil kwanzas, o baú por 10 mil, a fruteira e livreiros por três mil kwanzas.

Velhas profissões em números

10 Mil dólares pedidos em crédito

72 Anos dedicados à alfaiataria

45 Mil kwanzas o preço do cabedal

1.976 Ano de entrada na Cooperativa

2009 Instala-se em Ndalatando

Os dias difíceis da marcenaria

A profissão de marceneiro está a desaparecer na cidade de Ndalatando, devido à pouca adesão por parte da juventude. A falta de matéria-prima de qualidade e o pouco interesse das pessoas na compra de mobiliários e similares feitos pelos marceneiros locais.

Numa ronda efectuada pela equipa de reportagem do Jornal de Angola, numa das três que existem naquela cidade constatou haver poucas marcenarias e carpintarias, e segundo apurou, as únicas oficinas de marcenaria correm o risco de desaparecer totalmente.

Em conversa com o marceneiro, carpinteiro e camponês, Vasco Frias disse que é marceneiro e carpinteiro desde os 14 anos. Foi o pai que o ensinou. Lamentou o facto de os jovens não aderirem à profissão de carpinteiro e de marceneiro.

Nesta altura Vasco de 63 anos está a instruir três jovens, um deles é seu filho de 32 anos de idade.

Vasco Frias afirmou que nos anos 80 a 90 havia muitas oficinais de marcenaria e de carpintaria em vários pontos da cidade e ninguém mostrava interesse em comprar mobiliário vindo do estrangeiro.

Gastronomia

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Marginal do Dondo é paragem obrigatória para quem viaja de Luanda para o Sul do país

A venda de pratos típicos garante sustento a muitas famílas

O funge de bombó

Numa incursão feita em alguns restaurantes, barracas e residências que comercializam comes e bebes, os frequentadores disseram o que comem. No dizer do jovem Inácio Pedro, 30 anos, na necessidade de se alimentar em casa ou noutro local, sempre opta pelo funje de bombó. Embora prefira este alimento no período do dia, não o dispensa a qualquer hora desde que seja bem acompanhado com molho de carne seca, feijão ou quizaca.

A funcionária pública Maria Seabra, 26 anos, outra apreciadora de bom funje de bombó, de preferência acompanhado de calulú, conta que não consegue ficar um dia inteiro sem comer este alimento.

Para ela, o funje de bombó ou de milho não pode deixar de fazer parte da dieta alimentar da sua família.

"Este alimento é o mais apreciado entre os membros da minha família. Herdei isso dos meus pais e avós e hoje os meus dois filhos, de seis e dois anos, já estão acostumados a esta comida", diz Maria Seabra.

O mais velho Simão Bento Manuel, 63 anos, conta que desde há muitos anos sempre acompanhou a vida das pessoas que o rodeiam e dificilmente encontra alguém que não se alimente de funje.

O funje, destaca Simão Manuel, faz parte da dieta da maioria das famílias desta Província e "muitas vezes não precisamos de grandes molhos" para o fazer chegar a mesa.

Os pratos típicos da terra

O funje de bombó acompanhado com a quizaca feita de muamba de dendém ou óleo de palma incluindo o feijão e a carne seca são os pratos mais apreciados

Manuel Fontoura
Marcelo Manuel

Pratos com sabores diferentes podem ser degustados um pouco por toda a Província do Cuanza-Norte, embora o funje predomine à mesa da maioria das famílias e restaurantes existentes nesta região.

A província do Cuanza-Norte está dividida em duas regiões, sendo a área do quimbundo constituída por Lucala, Samba Cajú, Ambaca, Golungo Alto e Ngonguembo, e a sub-região dihungo composta por três municípios localizados a Norte, nomeadamente, Banga, Quiculungo e Bolongongo, onde as ervas são preparadas com a muamba de dendém e com óleo de palma.

Segundo dados bibliográficos, na região do Quimbundo o funje de bombó acompanhado de quizaca de muamba de dendém ou óleo de palma, o feijão de óleo de palma, a jimboa e a carne seca são os pratos mais apreciados. Nos municípios planálticos de Lucala, Samba Cajú e Ambaca, o mesmo tipo de erva é preparado com muamba de ginguba, acompanhado essencialmente de funje de bombó e maruvo de bordão.

Já no Golungo Alto e Ngonguembo, onde se cultivam muitas espécies de banana, o chamado aluente, vulgarmente chamado "caporroto", é também indispensável. Os mahungos, que congregam os municípios de Bolongongo, Banga e Quiculungo, que se expressam na língua dihungo, têm o funje como um dos principais pratos.

Dificilmente as populações desta região da Província do Cuanza-Norte oferecem a um visitante frango e peixe congelado, assim como a carne importada. Àchegada de alguém, vão à caça e trazem perdizes, veados, javalis, kiombos, pacas ou seixas, para poderem receber o visitante com dignidade.A chamada kifula, conhecido como molho sujo, feito com as ervas encontradas nos intestinos do próprio animal abatido (seixa, paca e veado), é também um prato típico da região indispensável, uma vez que estes animais comem um tipo de alimento maioritariamente composto de ervas. Outras variedades de pratos típicos apreciados nestas paragens, como o gafanhoto de palmeira, chamado "mahoho" na língua quimbundo, ou "jissombe", assim conhecido em Ambaca, Samba Cajú e Bolongongo, para além da "jinvue", um bicho peludo parecido com cabiocoto, o cogumelo, a muteta com carne ou peixe seco e a galinha caseira, são igualmente pratos indispensáveis nestas regiões, também frequentes nestas paragens.

No Dondo, por exemplo, podemos encontrar o calulú, o bagre fumado e fresco, o mufete de cacusso com banana-pão, mandioca ou batata-doce. O rato do mato, conhecido por "ngone" ou "puku" em quimbundo, é igualmente apreciado em muitas regiões do Cuanza-Norte, tal como a carne de jiboia, macaco, a jinguna, o grilo e o catato, que são aperitivos ou mesmo tidos como refeição principal acompanhados, obviamente, de funje. Potencialmente agrícola, todos os produtos cultivados nesta região, mandioca, milho, ginguba, feijão, abóbora, macunde, banana, batata-doce e outros, para além das diferentes espécies de hortícolas, são apreciados pela população.

A poulação do Cuanza-Norte dificilmente oferece a um visitante frango e peixe congelado, assim como carne importada

As pessoas que visitam o Cuanza-Norte, particularmente nos finais de semana, mesmo para os passageiros que pretendem deslocar-se de Luanda para o Sul do País, Norte e Leste passando pelo Município de Cambambe, encontram distintos pratos nas localidades de Cassualala, Maria Teresa, Dondo e Dange ya Menha.

As variedades de pratos são igualmente confeccionadas em alguns restaurantes de Ndalatando, no Mercado de Catome e no Município do Lucala. Na ausência de um gastrónomo da região, a nossa reportagem contactou distintos chefes de cozinha de alguns restaurantes e bares de Ndalatando que falaram dos ingredientes e da forma como confeccionam os diferentes pratos da região.

Marginal do Dondo

A Feira de Gastronomia e Artesanato localizada na Marginal da cidade do Dondo é um espaço que congrega pessoas de vários estratos sociais. Aqui, a venda de pratos típicos e artefactos de moda, olaria e cestaria feitos com utensílios locais, garante o sustento de várias famílias.

Dona Lú, como é carinhosamente conhecida pelos seus clientes, trabalha na Marginal do Dondo, como vendedora de comida há mais de 10 anos. Ela aponta o cacusso grelhado com feijão de óleo de palma e batata-doce e salada de tomate e funje com carne fresca ou seca de caça como os pratos mais procurados na sua barraca.

“Bananal” e “Empurra”

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

A produção de bebidas caseiras é considerado legal na cidade de Ndalatando

Entrada sem saída

Muitos são os consumidores que consideram o mundo do alcoolismo de difícil saída. O vício é tão contagiante que obriga as pessoas a uma luta desenfreada para saírem dele. A vontade existe, mas nem sempre é suficiente, alega Janeiro Victor, 20 anos. O jovem consumidor de “Caporroto” desde os 16, não esconde o desejo de abandonar o “copo”, pois está consciente dos prejuízos que a bebida caseira provoca para a saúde humana. “Por ser uma bebida muito forte, o ‘Capuca’ exige boa alimentação, descanso e consumo moderado”, diz Victor.

Janeiro Victor realça que, para se sentir estimulado, precisa de beber uma garrafa pequena,que custa 150 kwanzas. Janeiro quer fazer jus ao mês que lhe deu o nome, por isso marcou para Janeiro deste ano a concretização de um desafio: “deixar de beber ‘Capuca’ e abraçar os estudos que nutre desde a tenra idade, ser enfermeiro”.

“Bananal” e “Empurra” são nomes que se diferenciam da aguardente, uma feita com banana, a outra com açúcar. Bebidas destiladas em moldes tradicionais. O“Bananal” é a mais apreciado e custa mais caro pelo seu gosto, a “Empurra” a mais produzida e mais quente. Mendes Manuel faz “Capuca” há 15 anos. Começou com o “Bananal”, aguardentefeita com banana, mas devido à fraca produção da fruta hoje só fabrica o “Empurra”, cujas matérias-primas são o açúcar, a água e o fermento. Com 25 quilos de açúcar, um pacote de fermento e no máximo 60 litros de água, Mendes Manuel consegue produzir 20 litros de aguardente por tambor na sua fábrica no bairro dasMahambas, de Ndalatando.

A mistura é conservada num tambor de 200 litros durante oito a dez dias. Depois segue-se o processo de destilação, que dá o produto final. Todos os ingredientes devem ter a medida para uma aguardente bem quente.

O “Caporroto” de banana (“Bananal”) consome mais de 20 cachos de banana madura. Descasca-se a fruta, que é posta num recipiente (tambor) para a fermentação, permanecendo cerca de oito a 10 dias.

O mesmo tempo que leva a produzir a aguardente com açúcar. Segue-se o processo de destilação que resulta em bebida com graus muito elevados, apreciada por várias pessoas que dizem ser uma das melhores da região.

Os perdidos no mundo amargo das bebidas

Homens e mulheres afogam mágoas num ambiente em que o álcool convive com a violência e a prostituição

André Brandão

Local de gente pobre e com pouca esperança de uma vida melhor, o Bairro das Mahambas, nos arredores de Ndalatando, transformou-se no refúgio de consumidores de bebidas caseiras. Num ambiente em que o álcool convive pacificamente com a violência e a prostituição, homens e mulheres das mais variadas idades afogam despreocupadamente as mágoas na bebida. Para eles, sem o estímulo da bebida nada faz sentido. Tem sido assim todos os dias.

Apesar da pouca idade, Paiva Manuel é o que se pode considerar um veterano no consumo do “Bananal” e do “Empurra”, duas bebidas caseiras muito consumidas na cidade de Ndalatando. Aos 17 anos, dois dos quais envolvido no mundo das bebidas caseiras, conta que entrou por influência de amigos e que as tentativas feitas para abandonar o vício revelaram-se infrutíferas. Para ele, enfrentar as dificuldades da vida sem uma gota de álcool passou a ser uma miragem, porque isso faz-lhe falta, para se sentir estimulado e enfrentar as barreiras da vida.

“Mais velho, não vou mentir que eu bebo de verdade, mas também estudo e não falto ao respeito a ninguém. Só que já nem sempre vou à escola, porque na maior partes das vezes não estou em condições”, confessa.

O rosto pálido e o corpo magro de Paiva Manuel não escondem as marcas do sofrimento de quem vive permanentemente mergulhado no álcool e tem no quintal da “Tia Inês” o ponto de encontro.

Paiva Manuel faz uma pausa na bebida e lembra com saudade o tempo em que era “livre” e sonhava ser um cantor famoso, à semelhança de Bruno M e Afroman, para si duas grandes referências da música angolana. Embora esteja a navegar num caminho turbulento acredita que a esperança é a última a morrer e que o futuro a Deus pertence.

“Sei que muita gente não me leva a sério, mas tenho algumas letras que apelam para um mundo com amor, perdão e tolerância entre todos”, diz, ao mesmo tempo que cantarola o refrão da música inédita.

Em função do entra e sai de consumidores, estima-se que, diariamente, o quintal da “Tia Inês” recebe a visita de 50 a 60 clientes, imbuídos de um denominador comum: o consumo desregrado da aguardente “Bananal” e “Empurra”. É o caso de Osvaldo Domingos, 27 anos. Passava das 11 horas da manhã e tinha já na mão direita o terceiro copo de “Bananal”, a sua “mais que tudo”. “Tenho preferência, mas na hora do aperto, tudo vale e misturas também é um dos meus pontos fortes”, garante.

À nossa reportagem, confessa que se tiver dinheiro no bolso ninguém o trava, porque não é pessoa de cerimónias. Além de culpar as frustrações da vida da relação de intimidade que mantém com a bebida alcoólica, admite que bebe para espantar os males do quotidiano.

O “Bananal” tornou-se uma bebida escassa e preço mais alto em relação à aguardente “Empurra”, devido à falta de banana. Habitualmente os produtores do “Bananal” adquiriam os cachos de banana no Zavula, onde as pragas devastaram as plantações

Alcoólatra há mais de quatro anos, Osvaldo Domingos revela que por causa do “Bananal” já enfrentou situações que quase o levaramà morte. Destaca o dia em que, depois de uma tarde de bebedeira, foi levado para o hospital onde chegou a permanecer um mês em coma.

O consumo de bebidas caseiras no bairro das Mahambas não se limita aos homens. Maria José é exemplo disto. Lúcida mas envergonhada, confessa que já tentou de tudo para abandonar o vício, e que não tem sido fácil. Separada do marido, com seis filhos para criar, confessa que se entrega à bebida sempre que tem necessidade de estímulo e “para alegrar a cabeça”.“Sou camponesa, a minha vida não é fácil, mas fazer o quê se eu não consigo me manter”, diz Maria José.

Consumo moderado

O “Bananal” tornou-se uma bebida escassa e com um preço mais alto em relação à aguardente “Empurra” devido à escassez da banana. Habitualmente, os produtores do “Bananal” adquiriam os cachos de banana nos sectores de Zavula, Kissecula, Binda e Kamassai, onde ao longo dos tempos as pragas devastaram as plantações.

O que mais se gasta na produção da aguardente caseira é a lenha. Mendes Manuel compra a lenha com que aquece os tambores na Comuna da Canhoca, a 34 quilómetros da cidade de Ndalatando. “É preciso alguma técnica, e truques. Mas, o fundamental é ser paciente para que a bebida saia nos ‘trinques’”, diz Manuel. O negócio não é tão rentável. Por vezes gasta mais a produzir do que ganha.

A produção de aguardente caseira em Ndalatando é legal. A pequena fábrica de Mendes, com três tambores, tem licença. A venda é a grosso, em garrafões de 15 litros. Cada garrafão custa 1.400 kwanzas. “Aos mais jovens, peço que consumam com moderação, pois verifica-se que eles já se inclinam para o consumo exagerado de bebidas alcoólicas”, nota Mendes Manuel.

GOVERNO DE ANGOLA

GOVERNO DA PROVÍNCIA DO CUANZA- NORTE

DIRECÇÃO PROVINCIAL DA ENERGIA E ÁGUAS

A barragem de Cambambe já produz os 960 MW de energia com a entrada em funcionamento da segunda central. A entrada em funcionamento das duas centrais vai permitir o fornecimento de energia às regiões Norte, Leste, Sul e Centro do país. A barragem tem agora cerca do dobro da actual capacidade da Barragem de Capanda, em Malanje.

Real Ginga Sport

FOTOS: EDIÇÕES NOVEMBRO

Este elenco quer colocar o emblema a disputar o Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão

José Armando Neto foi eleito Presidente de Direcção do Real Ginga

Órgãos sociais do clube tomaram posse no mês de Março

Cuanza-Norte tem novo clube de futebol

A agremiação foi criada por um grupo de empresários nacionais e tem com prioridades o desenvolvimento de outras actividades que promovam e ocupam os tempos livres da juventude e agregar outros valores que garantam a recreação e o espírito de união

Marcelo Manuel

A Província do Cuanza Norte conta desde Março último com uma nova agremiação desportiva: o Real Ginga Sport. O clube foi criado por um grupo de empresários nacionais e tem como objectivo disputar o Provincial de Futebol e na segunda divisão lutar para aceder ao Girabola no próximo ano.

Contam entre as prioridades da agremiação de Ndalatando o desenvolvimento de outras actividades desportivas na circunscrição, promover iniciativas de ocupação dos tempos livres da juventude e agregar outros valores que garantam a recreação e o espírito de união.

Durante a assembleia geral que consagrou o clube, foram aprovados o estatuto regulador do Real Ginga e a eleição dos membros dos órgãos sociais. O elenco tem como presidente da Mesa da Assembleia Geral, José Grilo, e José Armando Neto, como o seu presidente de direcção.

De acordo com Fernando Catumbila, coordenador da comissão constituinte, o Club Real Ginga Sport do Cuanza Norte vai funcionar com um vice-presidente da mesa da assembleia, para além do seu secretário-geral. Avançou que, para além do presidente de direcção, existem oito vice-presidentes que funcionam na área geral, futebol, contabilidade e finanças, eventos sociais, projectos, comunicação e imagem, relações internacionais e outras modalidades.

O Conselho Fiscal é composto por três membros, chefiados por Martinho Caldas, enquanto o Conselho Jurídico está sob a tutela de Elias Malungo, coadjuvado por dois vogais. Fazem ainda parte dos órgãos sociais seis membros honorários como é o caso de Sebastião Martins, Joana Lina, Cris Gunza, Pinto Conto, Ganga Júnior e Eugénio Laborinho.

O presidente do clube, José Armando Neto, avançou que os atletas do clube passam a vestir, durante as competições, camisolas brancas com gola preta, calções pretos e meias brancas, enquanto o uniforme secundário tem o azul e branco com pigmentação predominante. A sede social do clube está em Ndalatando, no município de Cazengo, cidade de Ndalatando.

A agremiação tem três classes de sócios, sendo 36 na qualidade de fundadores, as outras são contribuintes, admitidos e honorários, tidos como pessoas de poder económico de destaque que desejam colaborar com o clube na doação de quantias significativas, sem obrigação de bonificação mensal.

Já foram contratados 18 atletas que disputam o Campeonato Provincial e, em caso de vitória, entrar para a II Divisão e depois para o Girabola Zap

Armando Neto frisou que o seu pelouro trabalha actualmente nos trâmites de caracter organizativo, criação das bases técnicas e materiais para a sustentação financeira. Fez saber que as prioridades do clube estão viradas para o campeonato provincial de futebol que começou em Abril próximo e o objectivo, caso vença, é entrar para a II Divisão com o objectivo de atingir a fina flor do futebol nacional, vulgo "Girabola Zap". Adiantou que já estão contratados 18 atletas que trabalham em Luanda em campos emprestados, enquanto decorrem as negociações com as entidades que tutelam a gestão do Estádio municipal dos "Dinizes", em Ndalatando.

Sublinhou que das acções concretas constam a criação da sede em Ndalatando e a estruturação de uma política de marketing para a angariação de contribuições, joias, venda de equipamentos, para além dos membros honorários com um certo poder económico que já começaram a garantir a sustentabilidade orçamental da equipa.

Questionado sobre a expansão das outras modalidades desportivas o presidente do Real Ginga Sport, José Armando Neto, realçou que a massificação destas vai decorrer de forma paulatina em função da situação de sustentabilidade e auto-afirmação do grémio. As primeiras declarações do técnico do Real Ginga Sport. O técnico do Real Ginga Sport, Oliveira Baba, na sua primeira declaração à imprensa, disse que a assumpção das responsabilidades no comando técnico do novo clube de Ndalatando é um dos seus maiores desafios enquanto treinador, visto ser uma equipa nova, com vários passos a dar para seguir em frente.

O técnico que já orientou a formação do Kabuscorp do Palanca e outras do Congo Democrático revelou que actualmente trabalha na realização de treinos com os 18 atletas disponíveis, quatro vezes por semana.

Disse que os jogadores existentes têm qualidades para vencer os quatro jogos do campeonato provincial de futebol, aspirando assim uma possível participação da sua equipa à segunda divisão. "As condições que encontrei são próprias de um clube embrionário, mas, como se sabe, um técnico de futebol tem de fazer milagres, quando quer ver uma equipa a progredir", disse Baba.

Futebol

Mais campos para a descoberta de talentos

Nos bairros periféricos da cidade de Ndalatando existem equipas infantis que mostram jovens habilidosos com vontade de jogar a bola e que acabam por se perder devido a inexistência de recintos desportivos adequados

André Brandão

A falta de espaços desportivos para a prática de futebol em Ndalatando foi apontada pelos promotores da modalidade como factor que dificulta o surgimento de novos talentos na região. Apesar disso, prometem não deixar morrer o desporto das multidões na terra da rosa de porcelana.

Nos bairros periféricos de Ndalatando, estão a evoluir várias equipas infantis. Entre os jovens atletas, há craques e há quem tenha menos jeito. Mas uma característica é comum a todos: a vontade férrea de jogar futebol. É o caso do Recreativo da Posse e do Recreativo da Carreira de Tiro que, mesmo sem apoios, têm dezenas de crianças a praticar o desporto rei. Destas escolas improvisadas têm surgido grandes talentos.

Estes acabam por se perder, por falta de estruturas desportivas. Os mais críticos vão mais longe: o Cuanza Norte tem grande défice de dirigentes desportivos. Um problema que afecta outras regiões do país! Jonas da Costa, 14 anos, faz parte da equipa do Recreativo da Posse.

Ele conta que joga futebol por influência do pai, que em tempos idos foi um exímio praticante da modalidade. O Cuanza Norte deu a Angola grandes jogadores como Balsa, Cardeal, Viriato, Manuel Silva e muitos outros. Jonas actua no Recreativo da Posse há seis anos. Começou a jogar futebol antes de ir para a escola.

Quando lhe pedimos para se definir como atleta, ele disse com orgulho: "sou um jogador polivalente". Mas rende mais como "médio distribuidor." Menino de pernas arqueadas e com fluidez na expressão, Jonas da Costa tem como ídolos o futebolista Djalma Campos, actualmente a actuar numa das formações da primeira divisão da Turquia, e Garret Bale, do Real Madrid.

Jonas da Costa disse ao Jornal de Angola que a falta de apoios e de espaços apropriados não inibe a sua vontade de ir atrás do sonho de tornar-se, no futuro, um futebolista profissional, para integrar equipas de renome como o Real Madrid ou o Barcelona. Pode faltar espaços desportivos, equipamentos, técnicos e apoios. Mas se é para sonhar, que o sonho chegue tão alto como os grandes clubes do mundo.

"Gosto muito de futebol. Vou empenhar-me para concretizar o meu sonho de jogar num grande clube mundial, mas quero começar a minha carreira no Girabola", disse o "médio distribuidor" no fim de uma sessão de treino sob as ordens do timoneiro Tomás António Salvador, no Campo dos Ossos. O "mister" do Recreativo da Posse explica à nossa reportagem por que baptizaram o "pelado" onde treinam com uma designação insólita: "Aqui ao Lado Fica o Cemitério".

Recreativo da Carreira

Marcelino António, 17 anos, é outro adolescente que pretende ser, num futuro breve, um craque do futebol nacional. Há quatro anos no Recreativo da Carreira, Marcelino António é contagiado pela magia do futebol praticado pelo argentino Leonel Messi e o do português Cristiano Ronaldo. Garante que um dia vai ser igual a eles. Pensa melhor e acha que vai mesmo fazer dos grandes cra-

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Qualquer lugar serve para a prática do futebol

Jovens que sonham um dia representar um grande clube do Campeonato Nacional

O gosto pelo futebol garante o empenho dos garotos durante os treinos realizados no pelado

ques mundiais, futebolistas vulgares. Ninguém vai superar a arte de Marcelino. O adolescente aconselha os colegas a seguirem o seu exemplo, pois considera que o desporto além ser uma actividade com benefícios económicos, também contribui para o desenvolvimento físico e mental dos praticantes. "Praticar qualquer tipo de desporto é bom para a saúde das pessoas, por isso quero aconselhar os rapazes da minha idade a jogarem o futebol e fazerem muito exercício físico", disse Marcelino António, estudante do ensino médio.

Futuro da Nação

Treinador do Recreativo da Posse e grande impulsionador do desenvolvimento do futebol infantil em Ndalatando, Tomás António Salvador garante que a província foi abençoada com muitos talentos no futebol, mas lamenta a inexistência de apoios e o mar de dificuldades em que os clubes estão mergulhados. "Tenho a certeza de que estas crianças são o futuro desportivo da Nação, mas muitos dirigentes desportivos ignoram-nos", disse. Tomás António Salvador diz que no clube falta de tudo: camisolas e calções, bolas e chuteiras. Afinal, só existe a vontade e o talento dos miúdos. O técnico dirige uma equipa cheia

O Recreativo do Posse tem sido o grande impulsionador do desenvolvimento do futebol infantil em Ndalatando, mas está mergulhado num mar de dificuldades que o impedem de formar novos jogadores para o futebol nacional

de crianças promissoras, que, mesmo diante das adversidades, manifestam força de vontade. Dono de um espírito vencedor, Salvador encara as desistências que volta e meia surgem como autênticas derrotas.

O jovem treinador, ao longo dos seis anos de existência do Recreativo da Posse, tem vindo a enfrentar inúmeras dificuldades. Não faltam promessas, mas nunca são concretizadas. Apesar das adversidades, ele tem uma certeza: "não vou deixar morrer o projecto." Nos últimos tempos, surgiu uma luz no fundo do túnel: o clube teve um apoio através da Fundação Lwini.

Pode ser o princípio da concretização do sonho desportivo que os dirigentes, técnicos e atletas do clube há muito acalentam. "Outra dificuldade que enfrentamos tem sido a utilização do Campo de Futebol dos Ossos, que, em determinadas alturas, está indisponível. Se chove, a lama é tanta que os atletas não conseguem treinar", disse.

Olívio dos Santos, coordenador da equipa infantil do Recreativo da Carreira, está à frente dos destinos do clube há dez anos. Hoje, o grupo tem 30 crianças. Mas já perdeu a conta às vezes que bateu à porta dos empresários locais em busca de apoios, mas sem sucesso.

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Equipas séniores podem buscar novos atletas nos bairros da cidade

O Porcelana é hoje o emblema mais representativo do Cuanza-Norte

Relato improvisado

São várias as formas de manifestar o gosto pelo futebol. Uns são praticantes e outros apenas apreciadores. Outros ainda fazem parte do mundo do futebol como "artistas" na arte de promover os jogos. É o caso de Wilson Joaquim que encontrou nos relatos uma maneira de estar no futebol. Apesar de ter apenas 15 anos, Wilson Joaquim tem uma voz muito radiofónica. Sabe o que é um relato e faz simulações excelentes.

Há profissionais que, se o ouvissem, ficariam cheios de inveja. No jogo que opôs as equipas do Recreativo da Posse e a equipa do rival da Carreira, no Campo dos Ossos, ele mostrou a sua classe de narrador desportivo. No bairro das Mahambas, todos conhecem o seu trabalho.

O miúdo tem força e talento, só precisa de uma oportunidade. Uma garrafa de plástico faz de microfone. Os amigos zombam dele, mas continua imperturbável na narração.

Um campo "careca" é o palco dos jogos dos infantis. As balizas sem redes e os dois bancos de suplentes foram construídos com bambu. É um "estádio" diferente e prima pela criatividade. Até no nome.

Por enquanto, Wilson Joaquim só faz relatos dos jogos de rua. Muitas vezes, ele grita que há falta, mesmo antes de o árbitro apitar. À reportagem do Jornal de Angola, contou que foi jogador do Recreativo da Carreira e do 1º de Agosto (amadores), mas o seu clube de coração é o Petro Atlético de Luanda. Wilson revelou que desistiu de jogar no "1º de Agosto" quando soube que tinha de usar a camisola igual à dos militares. Achou que era uma traição ao seu Petro do coração. E o adolescente de 15 anos tomou uma decisão firme: "enquanto em Ndalatando não houver uma réplica do Petro, não jogo futebol!" Para matar o vício, faz relatos dos jogos. A fantasia é o melhor da adolescência.

Uma escola no campo

Um dos campos de futebol mais populares de Ndalatando, situado no bairro Kipata, desapareceu para dar lugar a uma escola primária de 30 salas, já em execução.

O facto provocou um sentimento de tristeza no seio dos amantes de futebol. Para tranquilizar os amantes da bola, o governo provincial fez um novo campo com as mesmas dimensões no bairro de Catome de Baixo, para além da construção de uma pista de motocross, bem próximo do recinto.

Muitos são os praticantes de futebol em Ndalatando. Mas todos se debatem com a falta de mais espaços desportivos. O Estádio dos Dinizes, por ser o único que acolhe jogos oficiais, não está disponível para os infantis e amadores. O Cuanza Norte tem um clube em cada bairro, aldeia, vila ou cidade. Mas os clubes amadores lutam com grandes carências. A maior parte nem sequer tem equipamento.

Sexta-feira
14 de Julho de 2017

Desporto

O percurso desde a independência nacional

Quem trouxe à província o primeiro título de campeão nacional foi o ciclismo através do Desportivo da Eka entre 1986/87

Isidoro Natalício

Cinco períodos marcam o Desporto na província do Cuanza-Norte desde a conquista da independência nacional, em 1975 designadamente, frequência de jogos amistosos em futebol, promoção do Desporto Escolar, época de competições, decadência e relançamento.

No futebol, partidas amigáveis eram realidade em todas as localidades. Em Ndalatando, por exemplo o vazio deixado pelo Grupo Desportivo Dinizes de Salazar (actual N'Dalatando), assíduo no campeonato da então província de Angola, preencheu-se com as equipas do Independência Futebol Club e Ngola Mbandi a partir de 1977.

Ngola Mbandi e Independência jogavam entre si e depois contra formações de outros municípios como os Grupos Desportivos e Recreativos da Banga, Quiculungo, Camabatela, e Futebol Club do Golungo-alto.

Enfrentavam adversários como Ngola Kiluangi-kia-Samba, Cacuso (Malange), Waco-cungo (Cuanza-sul), Paviterra de Luanda, Maquela do Zombo (Uíge), dentre outros. Provavelmente, o desaparecimento do Independência e a mudança de nome de Ngola Mbandi para Diabos Negros acontecem em 1981

Diabos Negros foram ao Huambo vencer o torneio interprovincial "Agricultura". Destaque nesse período a Gualter Inglês que coordenava a massificação.

Nos municípios a Norte da província havia entre 1982 e 86 intercâmbios regional entre equipas de Quiculungo, Bolongongo, Banga, Samba-Cajú e Ambaca, no dizer do promotor da actividade, Adolfo Aparício. " Foi assim que se começou a promover o futebol organizado entre os anos 1977 e 1980", disse Adão Bastos, um dos colaboradores da equipa do Independência.

Aos amigáveis em futebol junta-se no princípio da década de 80 o início da prática do andebol, basquetebol, voleibol e atletismo no único instituto médio (de educação comandante Benedito) e escola secundária Samora Machel, em Ndalatando.

A memória recorda professores de educação física como o finado Sebastião Sobrinho, Moreno e Gaspar, pioneiros do projecto que resultou em participações nos campeonatos nacionais escolares.

Fase da competição

As competições oficiais iniciam no futebol com a realização de um torneio participado por equipas de Ndalatando, Cambambe, Golungo-alto e Ambaca para apurar o representante da província à primeira edição do Girabola, Sagrando-se vencedor os Diabos Negros de Ndalatando, segundo Jorge Pereira, presidente da Associação de Futebol.

Torneios com cariz competitivo aconteceram entre 1980 e 82, com a participação do Futebol Clube do Golungo-alto, Independência e Diabos Negros (ambos Ndalatando), pelos Grupos Desportivos, Recreativos e Culturais de Ambaca e Banga.

Impulsionados pela decisão do Governo que orientava as instituições e empresas públicas a patrocinarem equipas começam em 1983, os provinciais sénior e júnior sob égide da Associação Provincial de Futebol, trazendo novidades em termos de equipas.

Os campeões do Cuanza-Norte em seniores participaram sempre dos torneios de apuramento ao Girabola e o sucesso veio acontecer em 1989 com ascensão do Grupo Desportivo da Eka

Assim, Dínamo (que absorveu os atletas dos Diabos Negros que se extinguiu em 1981), Inter, Surukuku, Mintec (Ndalatando), Cuanza-Têxtil, Eka, Desportivo de Cambambe e Vinelo (Cambambe), Futebol Clube do Golungo-alto e Victória de Camabatela (ex-Desportivo e Recreativo) jogavam entre si, no sistema de todos contra todos, a duas voltas.

Equipas dos municípios de Lucala, Samba-Cajú, Quiculungo e Bolongongo entram em cena, entre 2013 e 2014.

Os campeões do Cuanza-Norte em seniores participaram sempre dos torneios de apuramentos ao Girabola e o sucesso veio a acontecer em 1989 com a ascensão do Grupo Desportivo e Recreativo da Eka, ao campeonato nacional de futebol, nove anos após a sua fundação.

O vice-presidente do Desportivo, na ocasião, Gonçalves Manuel, disse que a melhor classificação da Eka na prova foi a terceira posição (entre 1990 e 1991) fruto, entre outros, do "rico" plantel que possuía, em que desfilavam atletas como Mané, Felipe Nzanza, Rabolé e Zé Gordo.

No dizer do responsável, a Eka (três vezes campeã provincial) desiste do Girabola em 1996 e a seguir extingue-se por falta de dinheiro, pois a direcção que na altura acabava de assumir a gestão da fábrica de cerveja EKA não pôde manter o patrocínio ao clube.

O futebol do Cuanza-Norte volta à ribalta, com participações em duas edições intercaladas, do Porcelana Futebol Clube de Cazengo ao Girabola entre os anos 2013 e 2016. Quem trouxe ao Cuanza-Norte o primeiro título

NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Os atletas portadores de dificiência já conquistaram medalhas de ouro, prata e bronze

Futuro do Desporto

Em Novembro de 2014, o Governo Provincial do Cuanza-Norte, através da sua Direcção da Juventude e Desportos concebeu um Plano de Desenvolvimento Estratégico do Desporto para o período 2015/2017.

O objectivo era definir a política provincial do Desporto, o seu financiamento, modalidades a priorizar, programa de desenvolvimento e promoção para potencializar as vilas, aldeias, comunas com equipamentos desportivos para eventos afins e de lazer.

Apoio ao Desporto de recreação, alta competição e reforço da capacidade de organização na realização de competições e eventos regionais e nacionais. É no último ano de vigência do plano em causa que se vê uma "luz no fundo do túnel".

Está em curso, em NDalatando o "Procuanza", projecto de ensino e aprendizagem de modalidades como basquetebol, andebol, futsal e voleibol. Só no basquetebol estão engajados mais de 50 aprendizes de diferentes faixas etárias e treinam em todos os períodos do dia.

Coordenado pelo técnico José Carlos Guimarães e financiado pelo Governo do Cuanza-Norte, a iniciativa estender-se-á a Cambambe, Lucala, Golungo-Alto, Ambaca e Samba Cajú e prevê em seis meses, colocar jovens a jogar correctamente.

Na perspectiva de manter viva a modalidade, o presidente da Associação de Judo projecta entregar os clubes a empresas e pessoas com capacidade financeira, formação de dirigentes, técnicos, juízes de mesa, aumento da competição interna e fiscalização dos métodos de treinamento.

Alguns entusiastas procuram dar vida ao xadrez e ao boxe, realizando sessões de treinamento (boxe) e maratonas (xadrez) para saudar datas festivas.

FOTOS: NILO MATEUS | EDIÇÕES NOVEMBRO | CUANZA-NORTE

Presidente da Associação dos Desportos Adaptados

O judo é uma das modalidades que mais consagrações conquistou a nível nacional nas categorias de juvenis e juniores

de campeão nacional foi o ciclismo através do Desportivo da Eka entre 1986/87.

Outros sucessos

O judo é a modalidade que mais consagrações traz. Iniciou-se em 2006, com 28 atletas no Clube Ranger de Ndalatando e três anos depois a agremiação sagrou-se campeã nacional em juvenis e juniores, ao arrebatar 12 medalhas de ouro, prata e bronze, segundo o presidente da Associação da modalidade.

Em 1990, as instituições cessam os apoios às agremiações desportivas, sendo excepção o Aproveitamento Hidroeléctrico de Cambambe ao Recreativo local até 2014

"Em 2011 voltamos a ser campeões nacionais nos 60 quilos em juvenis e 66 em juniores, no ano antepassado campeões por equipas em seniores e no ano passado, lamentavelmente não medalhamos", disse Luís João "Ginolá".

Assinala também os segundos lugares nos nacionais em juniores e seniores, em 2014 no Lubango. Na óptica do presidente Luís Ginolá, as dificuldades socioeconómicas no seio dos atletas são o maior entrave à promoção do judo ao nível sénior.

Disse que existem na região cerca de 800 praticantes entre masculinos e femininos espalhados pelos municípios de Cazengo, Cambambe, Samba-Cajú, Lucala, Golungo-Alto e Quiculungo.

O desporto adaptado começou entre 2005/2008 e rapidamente impôs-se no contexto nacional. Por exemplo na categoria dos portadores de deficiência nos membros, os atletas locais conquistaram sempre medalhas de ouro, prata e bronze no triciclo manual.

Os deficientes visuais parciais obtiveram duas medalhas de prata e três de bronze, no Huambo. Destaque também para o segundo lugar no "nacional" de basquetebol em cadeiras de rodas realizado em 2015, em Moçâmedes.

O presidente da Associação provincial dos Desportos adaptados, Miguel Clemente "Bobó", disse que existem no Cuanza-Norte 50 para-olímpicos que praticam atletismo, basquetebol, natação e futebol.

Depois do futebol, o andebol teve os campeonatos provinciais mais competitivos e participações regulares, em certas provas nacionais. Referência aos nacionais escolares quando conquistou o primeiro lugar em masculinos, em 2001 no Sumbe, segundo lugar (femininos) e terceiro em masculinos, em 2008 no Bié.

O Atletismo tem frequência na S.Silvestre, até 2013 em cortamatos nacionais e no contexto local corria-se para saudar efemérides. Francisco André "Chinho" começou a correr em 1980, terminou em 2000 e era nome a ter em conta. "Éramos 30 praticantes, privilegiávamos os 100, 200 metros, fundo, estrada e meio-fundo, em circuito fechado", disse.

Embora sem títulos por equipas, o boxe destaca-se em conquistas individuais. Carlos Luís (48, 58 Kg), Muende Tuite Ferdinan (75, 81 kg), ambos dos Dínamos de NDalatando e Chico Amaro (51, 54 quilos), do Inter foram campeões nacionais na década de 80 e princípios de 90.

Modalidades como xadrez, Karaté-do, basquetebol, ginástica, ténis de mesa e futsal sempre coexistiram, mas sem conhecerem desempenhos assinaláveis.

Galeria de honra

Entre 1987 e 1992 vários atletas que actuavam em equipas locais lograram vestir as camisolas de selecções nacionais. Apontam-se no judo, Hélder Camilo como técnico nacional e Araite Sebastião (Ranger de N'Dalatando), detentor da medalha de prata nos últimos jogos da SADC, hoje Região 5 da União Africana.

Chico Amaro, Carlos Luís e Muende Tuite Ferdinan foram convocados no boxe, Carlos Araújo, Justiniano Araújo (ciclismo), Mané e Felipe Nzanza (Eka), no futebol.

Para as pré-seleções evidenciam-se os judocas do Rangers, José Miguel (menos 73 quilos), Elísio Domingos (menos de 66), Nascimento Dombaxi (menos 81 quilos), paralímpicos Carlos Alberto (Cambambe), em natação (2013) e o guarda-redes dos Diabos Negros, Maquiesse António (1980-81).

Decadência do Desporto

Por volta de 1990/91 as instituições cessam os apoios às agremiações desportivas, sendo excepção o da Aproveitamento Hidroeléctrico de Cambambe ao Recreativo com o mesmo nome até 2014, aproximadamente.

Assim, ganhou corpo a falta de financiamento, patrocínios, que resultou na insuficiência de material desportivo, alimentação, redução do número de clubes, atletas, falta de sedes sociais para Associações e núcleos provinciais.

Associou-se a isso a guerra e suas consequências, ausência de competições nos escalões de formação, empirismo nos processos de treinamento, falta de formação de técnicos, dirigentes desportivos e escassez de professores de educação física.

Esses factores conjugados provocaram a derrocada do Desporto no Cuanza-Norte. Para redinamizar a prática de certas modalidades como o andebol algumas iniciativas aconteceram, como a realização do nacional juvenil feminino, em Janeiro de 2001, em N'Dalatando, mas nada mudou.

Fraca cobertura de infra-estrutura desportivas

Há fraca cobertura de infraestruturas desportivas nas comunidades. Ressente-se a ausência de regulamentação da gestão e uso das mesmas, de planeamento integrado de manutenção e sua sustentabilidade. Porém, avançam-se algumas excepções como a construção em Cambambe do campo para futebol-7. Reparação do campo pelado de futebol na vila de Camabatela e edificação de outro no Lucala.

Em NDalatando e suportado pelo Governo, aplicou-se relva natural, repararam-se os balneários e tribuna do estádio Fernando Dinis (privado) e no pavilhão José Eduardo dos Santos (Ex-Lusitanos), reabilitaram-se em 2012 a iluminação, tecto, WC e o piso. Construiu-se uma quadra de jogo e melhorou-se outra. As duas defronte ao internato do Instituto de Saúde. Tais equipamentos e os dos demais municípios clamam por manutenção, com realce ao campo de futebol e pista de Atletismo do Ex-Lusitano.

Hotel Términus N'Dalatando

O Hotel Términus N'Dalatando é um hotel moderno de 4 estrelas, que se situa na cidade de N'Dalatando, na Província do Cuanza Norte, a 248 Km de Luanda e a 175 Km de Malange. Está preparado para oferecer aos seus hóspedes todas as facilidades para realizar bons negócios, reuniões de trabalho, lazer e ao mesmo tempo desfrutar de uma excelente gastronomia nacional e internacional.
Temos para lhe oferecer um serviço único e personalizado, assim como todo o apoio que necessite durante toda a sua estadia.

CARACTERÍSTICAS DO HOTEL

- 50 Quartos
- 7 Suítes
- 9 Duplos superiores (casal)
- 12 Twin
- 22 Duplo standard (casal)

ÁREAS COMUNS:

- Restaurante
- Bares
- Piscina
- Ginásio
- 1 Sala de reuniões cap. 10 Pessoas
- 1 Sala de reuniões cap. 50 Pessoas
- Estacionamento privativo exterior

Correio electrónico: recepcao@hotelterminusndalatando.co.ao
Telefone Recepção: 948513498